

**UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA – UNIARA
MESTRADO - DOUTORADO EM DESENVOLVIMENTO
TERRITORIAL E MEIO AMBIENTE**

Gabriela de Menezes Freitas

**QUINTAIS PRODUTIVOS: EXPRESSÕES DE RESISTÊNCIA DAS
MULHERES ASSENTADAS EM TERRITÓRIOS DE MONOCULTURA**

ARARAQUARA
2023
Gabriela de Menezes Freitas

**QUINTAIS PRODUTIVOS: EXPRESSÕES DE RESISTÊNCIA DAS
MULHERES ASSENTADAS EM TERRITÓRIOS DE MONOCULTURA**

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente, curso de mestrado da Universidade de Araraquara - UNIARA - como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente.
Área de concentração: Desenvolvimento Territorial e Alternativas de Sustentabilidade.

Orientada: Gabriela de Menezes Freitas

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante

ARARAQUARA – SP
2023

FICHA CATALOGRÁFICA

F936q Freitas, Gabriela de Menezes

Quintais produtivos: expressões de resistência das mulheres assentadas em territórios de monocultura/Gabriela de Menezes Freitas. – Araraquara: Universidade de Araraquara, 2023.

71f.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente- Universidade de Araraquara-UNIARA

Orientador: Profa. Dra. Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante

Co-Orientador: Profa. Dra. Flávia Cristina Sossae

1. Assentamentos rurais. 2. Quintais produtivos. 3. Mulheres. 4. Agroecologia. I. Título.

CDU 577.4



UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA - UNIARA

Rua Malandrinho de Paula, 1309 - Centro - Araraquara - SP
CEP 14891-320 | (16) 3361-7500 | www.uniara.com.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

NOME DO(A) ALUNO(A): *Gabriela de Menezes Freitas*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente, curso de Mestrado, da Universidade de Araraquara - UNIARA - como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente.
Área de Concentração: Desenvolvimento Territorial e Alternativas de Sustentabilidade.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante
UNIARA - Araraquara

Profa. Dra. Alexandra Filipak
IFPS - Matão

Profa. Dra. Flávia Cristina Soasse
UNIARA - Araraquara

Araraquara - SP.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, à Profa. Dra. Vera Botta, por ter confiado em mim desde a minha graduação com o privilégio de sua orientação, proporcionando oportunidades únicas que possibilitaram o meu amadurecimento e aprendizagem nos mais diversos aspectos pessoais e nos campos do conhecimento.

À minha família, que passou por momentos difíceis durante a realização e desenvolvimento deste trabalho. Em específico, à minha mãe, que sempre foi o meu alicerce e exemplo como pessoa, e que em meio a sua doença, continuou me ensinando e fortalecendo como nunca imaginei ser possível. Ao meu irmão Vinícius, mais velho do que eu, que foi fundamental para que o caminho até aqui fosse leve diante do peso que existiu, compartilhando as dores, as alegrias e cada conquista que foi diária, em nossas vidas.

Ao meu companheiro, que acompanha a minha jornada desde antes da graduação e vivenciou todos os meus processos, também vibrou com as minhas conquistas, aconselhou e manteve-se ao meu lado diante dos maiores desafios da minha história e ainda compartilha dos mesmos sonhos que os meus.

Aos meus amigos, que tornaram a experiência mais delicada e amável com os momentos de alegrias, rizadas, distrações, afetos, ensinamentos e que em muitas vezes, me proporcionaram a autoconfiança na minha capacidade, quando ela me faltava.

À Graça, cuidadora da minha mãe e uma das pessoas de maior coração que conheci até hoje, que muito me ajuda todos os dias, que possui um conhecimento do qual a vida lhe exigiu adquirir e faz de tudo para compartilha-lo quando necessário. Se tornou uma segunda mãe, que luta comigo e me incentiva a buscar os meus maiores objetivos.

Ao NUPEDOR, com todos os seus integrantes das mais diversas áreas de atuação, que tornam o grupo multidisciplinar e enriquecedor a vida de todos que passam pelo núcleo e recebem a oportunidade de muito aprender e evoluir. Em especial à Prof^ª Dr^ª Flávia, Larissa, Elisa e Fábica pela participação ativa nesse trabalho e pelas trocas diárias que levaram a uma verdadeira amizade.

Às meninas da secretaria do programa de pós graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente, por toda a ajuda e a gentileza de sempre, que também tornam o processo descomplicado e agradável.

Por último e não menos importante, à UNIARA e à CAPES, por toda a estrutura e o financiamento necessário, tornando possível e valorizado esse trabalho.

RESUMO

Os quintais localizam-se no entorno das residências nos assentamentos rurais, sendo considerados produtivos quando expressam uma diversidade de espécies vegetais e animais de pequeno porte. São locais de resistência em meio a crescente prática da monocultura, sendo importantes na expressão da liberdade e permitindo a escolha da família por quais alimentos produzir para o autoconsumo, o que pode contribuir com a Segurança Alimentar. Os quintais produtivos também auxiliam na manutenção dos conhecimentos tradicionais que são transmitidos por gerações, além de apresentarem uma estreita relação com o processo de transição agroecológica. O protagonismo da mulher na manutenção do local é evidente, porém, o trabalho da mulher rural é geralmente caracterizado pela invisibilidade e sobrecarga na jornada de trabalho vivenciada por elas. Diante disso, o objetivo deste trabalho é identificar e analisar, de forma qualitativa, os quintais produtivos de dois assentamentos da Região Central do Estado de São Paulo: Monte Alegre e Bela Vista do Chibarro. Pretende-se observar e analisar o papel das mulheres na produção dos quintais, assim como caracterizar sua participação no trabalho das unidades produtivas podendo identificar invisibilidades na divisão sexual do trabalho. Busca-se ainda, caracterizar, através da etnobotânica, a produção dos quintais e a contribuição dos mesmos para a agroecologia e para a Segurança Alimentar da família. A metodologia utilizada foi a denominada Bola de Neve, através da participação direta com utilização de fotodocumentação, elaboração de croquis e diários de campo. Como resultados, buscou-se demonstrar a importância dos quintais produtivos no convívio familiar e na melhoria da qualidade de vida dos assentados, assim como a questão de gênero, de forma a valorizar e estimular as práticas de cultivo e manutenção dessa tradição.

Palavras-chave: Assentamento rural; quintais produtivos; mulheres; agroecologia; conhecimentos tradicionais.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa da Região Administrativa Central do Estado de São Paulo	22
Figura 2- Localização do Assentamento Bela Vista do Chibarro	23
Figura 3 - Localização do Assentamento Monte Alegre	23
Figura 4 - Plantas ornamentais, árvores nativas frutíferas presentes no quintal.....	27
Figura 5 - Primeira imagem referente ao almoço na varanda. Segunda imagem, dona Elza no preparo do Beiju	29
Figura 6 - Elza mostrando o aroma da planta que trouxe da Bahia, conhecida por ela como Levante.	30
Figura 7 - Primavera e flores junto as cerâmicas coloridas que enfeitam o quintal	32
Figura 8 - Coleção de Rosas do Deserto e Orquidário	34
Figura 9 - Respetivamente, os Mamoeiros e a árvore nativa Guapuruvu.....	38
Figura 10 - Jiseli explicando sobre as árvores do SAF.....	39
Figura 11 - Entrada do lote da Léa, perspectiva do quintal e jardim	41
Figura 12 - Embalagem com o mel produzido pela Léa.....	42
Figura 13 - Maria Rezadeira mostrando seu pé de Ora Pro Nóbis	44
Figura 14 - Zulmira em meio à plantação de Sorgo no seu lote	46
Figura 15 - Dona Maria em meio a sua plantação de Pimentas	50
Figura 16 - Quintal da Elza	53
Figura 17 - Quintal da Dona Jusefa	54
Figura 18 - Quintal da Jiseli	55
Figura 19 - Quintal da Maria Rezadeira	56
Figura 20 - Quintal Dona Maria	57
Figura 21 - Quintal da Léa	58

Figura 22 - Quintal da Zulmira
59

SIGLAS E ABREVIATURAS

AMA: Associação Mulheres Agroecologia

ANA: Articulação Nacional de Agroecologia

AVC: Acidente Vascular Cerebral

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CODASP: Companhia de Desenvolvimento Sustentável

CPFL: Companhia Paulista de Força e Luz

CPT: Comissão Pastoral de Terra

EJA: Educação de Jovens e Adultos

FERAESP: Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo

FETAESP: Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar do Estado de São Paulo

INCRA: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

ITESP: Instituto de Terras do Estado de SP

MST: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PA: Projeto de Assentamento

PANC's: Plantas Alimentícias Não-Convencionais

PDS: Projeto de Desenvolvimento Sustentável

RAC: Região Administrativa Central de São Paulo

SAF: Sistema Agroflorestal

SEAD: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados

SUS: Sistema Único de Saúde

UFSCar: Universidade Federal de São Carlos

UNIARA: Universidade de Araraquara

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAMINHOS DA PESQUISA.....	13
CAPITULO I: Espaços das mulheres assentadas: perspectivas de uma revisão bibliográfica.....	15
1.1 Os saberes tradicionais e os quintais produtivos.....	15
1.2 A questão de gênero e a divisão sexual do trabalho nos assentamentos rurais.....	17
1.3 Os quintais diante da produção de monocultura.....	20
CAPITULO II: Os Assentamentos de reforma agrária num território de monocultura.....	23
2.1. Assentamentos rurais: caracterização da região a ser estudada.....	23
CAPITULO III: A vida e o protagonismo das mulheres assentadas.....	28
3.1. Elza, Assentamento Monte Alegre – Araraquara, SP: O cuidado com a biodiversidade.....	28
3.2. D. Jusefa, Assentamento Monte Alegre – Araraquara, SP: O vigor e o encantamento pelas flores.....	33
3.3. Jiseli, Assentamento Monte Alegre – Araraquara, SP: O pioneirismo no protagonismo da mulher.....	36
3.4. Léa, Assentamento Monte Alegre – Araraquara, SP: O empreendedorismo expresso no caderno dos sonhos.....	40
3.5. D. Maria Rezadeira, Assentamento Bela Vista do Chibarro – Araraquara, SP: pioneirismo e autonomia em sintonia.....	44
3.6. D. Zulmira, Assentamento Bela Vista do Chibarro – Araraquara, SP: liderança consagrada e visão de futuro.....	46
3.7. D. Maria, Assentamento Bela Vista do Chibarro – Araraquara, SP: as pimentas na sua produção diversificada e solitária.....	49
CAPITULO IV: Croquis e etnobotânica na vitalidade dos quintais produtivos.....	52
4.1. Croquis dos lotes analisados.....	52
4.2. Levantamento Etnobotânico: a expressão da diversidade dos quintais produtivos.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS.....	70
ANEXO A.....	73
ANEXO B.....	73

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho dá continuidade a um estudo de monografia, envolvendo o ambiente dos quintais produtivos e a questão de gênero em dois assentamentos rurais de Araraquara (SP), região central do Estado de São Paulo. Iniciou-se no ano de 2018, com o trabalho intitulado “Pesquisa e Extensão em Agroecologia: Frentes de Ação e Importância dos Quintais em Assentamentos Rurais”, o qual contou com a oportunidade de uma bolsa de iniciação científica através da participação em um grupo de pesquisa de formação multidisciplinar – Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural (NUPEDOR) – que há mais de 30 anos estuda a problemática da agricultura familiar e de assentamentos rurais, questões de reforma agrária, políticas públicas voltadas a essa temática e às diferenciadas e integradas pesquisas realizadas na região.

O Nupedor tem como um dos pilares em seus trabalhos, a questão de gênero nos assentamentos rurais, realizando ações junto as mulheres de forma a incentivar a inserção destas, no processo de transição e produção em sistemas agroecológicos, tornando-as fundamentais na discussão e distribuição de informações em benefício do movimento. Estas ações objetivam recuperar e valorizar o papel das mulheres assentadas junto ao seu conhecimento sobre a medicina tradicional de forma a incorporar nas práticas agroecológicas. (LEAL, 2019).

Por meio da metodologia pesquisa-ação, tem-se buscado identificar, de forma participativa, os problemas entendidos pelas comunidades rurais assentadas, que vão desde os termos de produção e comercialização até as questões de gênero. O NUPEDOR possui estudos sobre as relações de gênero nos assentamentos, um dos primeiros projetos foi o intitulado “Relações de Gênero e Iniciativas de Outro Modelo de Desenvolvimento: análise da participação das mulheres em assentamentos rurais” (CNPq, 2009-2010), no qual, foi dada ênfase aos grupos produtivos de mulheres em formação e às atividades extensionistas voltadas a eles. Em outro projeto realizado posteriormente, “Os Assentamentos Rurais Sob a Perspectiva de Gênero: divisão sexual do trabalho e políticas públicas em análise” (CNPq, 2011-2012), foi elaborada uma amostragem estatisticamente constituída para a investigação dos papéis das mulheres na produção dos lotes e nas agroindústrias familiares, bem como das

políticas públicas com recorte de gênero. Os dados advindos desse projeto localizaram os sistemas produtivos e deram visibilidade ao trabalho feminino.

Os quintais produtivos estão sempre presentes quando se trata dos estudos envolvendo as mulheres assentadas, mas são relatados nos trabalhos acadêmicos de forma acessória aos assuntos envolvendo as questões de gênero. Por este motivo, a presente dissertação buscou olhar para o ambiente dos quintais com ênfase para o local, na perspectiva de contribuir com o núcleo e com a comunidade rural através de estudos complementares e aprofundados, que demonstram a importância da manutenção e os benefícios com relação aos quintais produtivos em uma ampla dimensão que atrela os efeitos de empoderamento da mulher e de pertencimento.

Pesquisar um ambiente como os quintais produtivos permite vivenciar histórias e experiências que vão além do conhecimento científico, mudam concepções e valores pessoais, permitindo aprendizagens para uma vida. Eles apresentam uma estreita relação com o processo de transição agroecológica por se tratarem de locais de manutenção dos saberes tradicionais e de resistências à crescente prática da monocultura nos assentamentos rurais, além de serem mantidos pela mão de obra familiar. Esses quintais exibem uma considerável diversidade de espécies onde expressam a liberdade pela opção de escolha sobre o cultivo do alimento de acordo com a preferência de consumo da família, contrapondo os princípios da produção de monoculturas. Através dessa diversidade de espécies vegetais e animais de pequeno porte, muitas vezes presentes nesses espaços, é possível garantir a segurança alimentar com produtos nutritivos e, em grande parte, cultivados sem agrotóxicos.

A importância do quintal se dá, também, por meio do protagonismo da mulher expressado nestes dois assentamentos, pois são elas as responsáveis pela manutenção e cuidados, fato observado durante o trabalho de monografia citado acima e igualmente neste. Além da produção de alimentos que são destinados ao consumo próprio da família, também está presente a prática diária de conhecimentos tradicionais, no cultivo de ervas medicinais muito utilizadas na cura e prevenção de doenças, onde através da tamanha diversidade dessas espécies presentes nesses quintais, chegam a ser reconhecidos em muitas literaturas como “farmácias vivas”. Também são encontradas variedades de espécies de plantas ornamentais que embelezam e ressignificam o ambiente, assim como as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs), as quais vêm ganhando espaço inclusive na comercialização, podendo favorecer a geração da renda da família.

O objetivo geral deste trabalho é identificar e analisar, de forma qualitativa, os quintais produtivos de dois assentamentos da Região Central do Estado de São Paulo: Monte Alegre e

Bela Vista do Chibarro. Pretende-se observar e analisar o papel das mulheres na produção dos quintais, assim como caracterizar sua participação no trabalho das unidades produtivas podendo identificar invisibilidades na divisão sexual do trabalho. Busca-se ainda, caracterizar, através da etnobotânica, a produção dos quintais e a contribuição dos mesmos para a agroecologia e

para a Segurança Alimentar da família.

Como objetivos específicos, busca-se:

- 1) Reconhecer a importância dos quintais e das mulheres que os cultivam, como forma de valorizar e incentivar a permanência desta tradição.
- 2) Verificar o protagonismo da mulher na manutenção e cuidados desse local.
- 3) Analisar casos de invisibilidade e sobrecarga na jornada de trabalho.
- 4) Investigar a relevância dos quintais produtivos, as formas de cultivo do alimento e a prática da agroecologia. Quantificar a diversidade de espécies presentes no local.
- 5) Constatar se ocorre uma Segurança Alimentar dessas famílias.
- 6) Realizar croquis dos quintais, de forma a evidenciar as diferentes organizações e delimitações dos lotes.

Considerando a importância de uma discussão que incorpore as questões de gênero no meio rural e a relação com os quintais produtivos como uma forma de resistência às práticas de monoculturas nesse ambiente dos assentamentos rurais, foi proposta a seguinte questão norteadora: Em que medida a participação das agricultoras familiares como protagonistas nos cuidados dos quintais, exercendo as atividades com princípios agroecológicos nestes espaços, têm causado efeito significativo que contrapõem os atuais modos de produção e consumo?

A partir deste questionamento, foram elaboradas as seguintes hipóteses:

- Os quintais produtivos reforçam a importância da manutenção desta tradição através da abundância e diversidade de alimentos fornecidos durante o ano, contribuindo para a Segurança Alimentar das famílias assentadas. Além de permear os conhecimentos tradicionais e tornarem-se locais de pertencimento, lazer e ressignificação de culturas e socialização.
- O protagonismo das mulheres nos cuidados dos quintais produtivos e o fato das mesmas serem fundamentais na consolidação de valores culturais e sociais, remete à importância de reconhecer a mulher no trabalho produtivo.

- Espaços como os quintais produtivos, permitem a valorização das mulheres dentro e fora do núcleo familiar, apesar da invisibilidade vivenciada por elas ainda serem presentes.
- A adoção de princípios e práticas agroecológicos por parte das mulheres promove efeitos significativos na melhoria da qualidade de vida da família. Levando as agricultoras a perceberem a contribuição que esta atitude permite em elevar o bem-estar próprio, familiar e coletivo. Desta maneira, ocorrem redefinições e novos significados nos papéis sociais exercidos pelas mulheres.

CAMINHOS DA PESQUISA

A metodologia utilizada foi a denominada de “Bola de Neve”, a qual implica em uma seleção de populações iniciais para o estudo, estas, no caso, sendo as famílias assentadas conhecidas através de outros projetos em parceria com o Nupedor. Além disso, “O método de amostragem em bola de neve permite ao pesquisador encontrar populações que ele não conseguiria através de outros métodos” (DEWES, 2019, pag.12).

A população inicial é composta por indivíduos que normalmente se tem algum primeiro contato ou uma relação de proximidade. No caso do estudo, foram duas mulheres que já participaram de outros projetos junto ao Nupedor e aceitaram participar do presente trabalho.

Com isso, essas mulheres acabaram indicando outras, e essas outras, também fizeram novas indicações, seguindo o pensamento de quem ela acreditasse estar disponíveis e que apresentassem um perfil coerente com a pesquisa. Esta metodologia é, portanto, baseada nas indicações de cada pessoa e conforme são aceitos os convites para participar, se consolida a amostra.

A pesquisa conta também com a observação direta, técnica derivada da Antropologia, bem como a montagem de diários de campo, o que permite ao pesquisador a liberdade de captar essências, pelo fato de evitar os constrangimentos que um gravador possa causar ao entrevistado (WHITAKER, 2002).

Esse registro deve ser preciso, demandando atenção e respeito quanto às falas da pessoa entrevistada, evitando-se interrupções mesmo quando as conversas se distanciam do proposto. Dessa forma, garante-se conforto e seguridade, permitindo relações confiáveis com diálogos verdadeiros e completos, onde observa-se, inclusive, pequenos gestos e impressões que ganham significados importantes para os diários. Essa forma de registro possibilita um

material empírico, ao captar histórias de vida, o dia a dia das famílias assentadas e os contextos vivenciados por elas, principalmente quanto à questão de gênero, além de uma descrição do ambiente dos quintais, permitindo uma análise de todos os processos priorizados nesse trabalho.

Os dados qualitativos serão obtidos com a utilização de um roteiro de perguntas semiestruturado (ANEXO A/B) para os atores envolvidos com a utilização de questões abertas e fechadas. O intuito das entrevistas é a busca de dados individuais e coletivos, inclusive levando em consideração os princípios da etnobotânica, a qual permite um estudo detalhado sobre a relação do indivíduo com a planta e o modo em que são utilizadas como recursos, dando a possibilidade de adicionar novas questões e soluções no decorrer da pesquisa. Dessa forma, o resultado inclui o objetivo principal: as diversas questões que envolvem esses locais, como a questão de gênero com relação ao protagonismo e as invisibilidades das mulheres, nessa perspectiva, as práticas agroecológicas e a importância da manutenção dos conhecimentos tradicionais exercidos nesses ambientes.

A fotodocumentação também é utilizada para captar o cotidiano das assentadas, registrando visualmente a diversidade, os modos de vida, a organização do local e suas diferenças através e em conjunto aos descritos nos diários de campo. Assim como, a realização de croquis, que permitem exercer uma atividade participativa através da sugestão da própria assentada desenhar o seu lote a fim de observar a delimitação das áreas e construções e do que é considerado o quintal por cada uma.

Através da metodologia Bola de Neve, a população inicial foi escolhida por meio de um projeto do NUPEDOR que está em andamento, intitulado “O Presente e o Futuro dos Assentamentos Rurais: Dilemas e Ressignificações”, o qual tem em umas de suas frentes o objetivo de estabelecer uma rede de apoio de mulheres do assentamento Monte Alegre. Algumas reuniões foram realizadas após o início da rede Ramas Girassóis e foram fundamentais para estreitar laços e receber o aceite na participação deste trabalho por parte de duas mulheres: Jisele e Elza, assentadas no Monte Alegre.

Assim, Jiseli e Elza indicaram a Léa e está, indicou dona Jusefa. Já no assentamento Bela Vista do Chibarro, o primeiro contato foi estabelecido por meio de uma companheira de pesquisa que realizava visitas de campo e apresentou a Dona Zulmira, uma pessoa muito influente no local que passou os nomes: Maria Rezadeira e Dona Maria. Dessa forma se constituiu o grupo de 7 mulheres assentadas, protagonistas de suas histórias e feitos, que aceitaram participar deste trabalho.

O conteúdo discutido neste estudo foi dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a presença e o protagonismo da mulher no meio rural, a importância dos conhecimentos tradicionais exercidos por elas, a divisão sexual do trabalho e os cultivos que são presentes nos quintais produtivos e possibilitam agregar na melhor qualidade de vida dessas pessoas. O segundo capítulo trata dos espaços estudados, com textos e dados que abordam a caracterização dos assentamentos. O terceiro capítulo trata da apresentação das mulheres participantes do estudo, com o relato das histórias de cada agricultora realizado através de diários de campo. No quarto e último capítulo são apresentados os resultados encontrados a partir dos principais pontos abordados na pesquisa como a diversidade presente nos quintais produtivos através de um levantamento etnobotânico, a divisão sexual do trabalho e o acúmulo de funções e a relação dos quintais e dos saberes tradicionais com a segurança alimentar.

CAPITULO I: Espaços das mulheres assentadas: perspectivas de uma revisão bibliográfica

1.1. Os saberes tradicionais e os quintais produtivos

Os quintais produtivos se originam do trabalho advindo da unidade de produção familiar, onde há uma composição hegemonicamente do sexo masculino e feminino, sendo homem, mulher e filhos. Há diversas outras configurações observadas atualmente, mas que diante de suas histórias de vidas, foram um dia denotadas dessa forma.

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. [...] Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.). (HIRATA e KERGOAT, 2007, p.599)

Seguindo este conceito, a divisão sexual do trabalho que se faz ou fez presente neste meio, é conotada de forma que o homem adquire uma posição de trabalho “pesado”, cuidando da lavoura, criações e da produção que é destinada à comercialização. A autora Paulilo, coloca que a classificação feita entre o que é considerado um trabalho “leve” e “pesado” são as categorias que variam segundo o sexo do trabalhador e as condições de exploração da terra nas várias regiões agrícolas. De fato, há a convicção de que o trabalho feminino é mais barato. (PAULILO, 1987)

Ao passo em que a mulher se destina aos cuidados dos filhos e do lar, assim como o seu entorno que é o quintal produtivo, torna esses locais, um ambiente de pertencimento e acolhimento, conforme há a emancipação e o empoderamento dessas mulheres. Dessa forma, eles adquirem alta relevância no cotidiano dessas assentadas e como consequência, da família. Mas é necessário entender que no princípio, os quintais que hoje adquirem essa importância, foram antes, considerados pela figuras patriarcais como a “sobra”, um local que não poderia agregar com a geração de renda, e, por esse motivo, permitiram que a mulher exercesse outras funções para ele.

Para Filipak, “Os quintais produtivos são experiências criadas socialmente pelas próprias mulheres do campo na busca por um espaço de trabalho produtivo que se mistura com os trabalhos de reprodução, doméstico e de cuidados que historicamente e socialmente são delegados a elas” (FILIPAK, 2017, p. 201). Esses locais estão atrelados ao cotidiano das mulheres assentadas, onde neles, a prática dos conhecimentos tradicionais é exercida de forma involuntária, além de serem reconhecidos pelas mulheres como um espaço de pertencimento e liberdade.

O processo de globalização e modernização da agricultura contribui para a diluição da cultura popular. Apesar deste fato estar presente e se intensificar com os anos, demonstra que ainda há espaço para as representações dos saberes tradicionais nos assentamentos rurais. Por isso, considera-se que esses saberes são e devem ser dinâmicos, para terem sentido para as novas gerações. E é por meio da valorização desse patrimônio, nos ambientes coletivos e de aprendizagem, que eles podem ser renovados e conservados (GOMES, 2011, 2015). Ainda para a autora, ao resgatar estes saberes promovemos um reavivamento e interesse em aprender sobre o que é tipicamente desses locais, assim, observa-se a conservação do patrimônio imaterial.

Afinal, uma memória ou vivência quando compartilhada pode tornar-se um saber coletivo. Por isso, existe a importância e necessidade de conservação dos conhecimentos tradicionais, através de espaços e instrumentos legais, institucionais, comunitários para resgate, manutenção, valorização dos saberes e práticas dos povos e mulheres que são fontes de conservação não só de ambientes naturais, mas também da própria vida. (GOMES, 2018)

Segundo Wanderley, “o agricultor familiar é um ator social da agricultura moderna e, de uma certa forma, ele resulta da própria atuação do Estado” (WANDERLEY, 2003, p. 44). Portanto, o campesinato pode ser visto de uma maneira mais restrita, como uma forma social particular de organização da produção. Fala-se, neste caso, de uma agricultura camponesa, cuja base é dada pela unidade de produção gerida pela família. Esse caráter familiar se

expressa nas práticas sociais que implicam uma associação entre patrimônio, trabalho e consumo, no interior da família, e que orientam uma lógica de funcionamento específica. (WANDERLEY, 2003).

Nos assentamentos rurais, os quintais produtivos também são atrelados aos sentimentos afetivos e na prática de tradições e saberes tradicionais ancestrais, por estarem relacionados à sobrevivência através do alimento produzido e conseqüentemente às vivências, que são exercidas em cada atividade diária atribuída na manutenção do mesmo, sendo assim, transmitidas às novas gerações. Esses locais são de convivência familiar, onde se realizam os momentos de lazer e das brincadeiras das crianças, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e psíquico.

Com relação ao quintal produtivo, a autora Heredia faz uma descrição ampla sobre a organização do local, tratando do termo “terreiro” no lugar de quintal:

“O terreiro dos fundos da casa está destinado fundamentalmente às aves domésticas e ao chiqueiro dos porcos(...) Muitas vezes encontram-se neste local algumas árvores frutíferas, mas do tipo diferente das plantadas na frente da casa. Nos fundos frequentemente, estão os mamoeiros e bananeiras, enquanto na frente são plantadas mangueiras e jaqueiras, árvores que proporcionam abundante sombra e possuem um ciclo de vida maior” (HEREDIA, 1978, p. 38).

Ainda a autora aponta o fato de que os quintais são considerados um espaço de atividades e tarefas das mulheres e das crianças. (HEREDIA, 1978). De fato, nos quintais produtivos analisados neste trabalho é frequente o modo de divisão e organização descritas acima pela autora, a constatação é feita através dos croquis apresentados no desenrolar deste trabalho.

1.2. A questão de gênero e a divisão sexual do trabalho nos assentamentos rurais

O fato de o quintal estar geralmente localizado no entorno da casa, sendo uma extensão da mesma, tem-se na maioria dos casos, o protagonismo da mulher na manutenção e cuidados exigidos. As mulheres muitas vezes apresentam um papel de “donas de casa”, se destinam à limpeza, manuseio do alimento, cuidados com os filhos e, em alguns casos, participam na comercialização da produção do lote. Nesse sentido, embora realizem em conjunto as atividades da agricultura familiar, e as diversas outras funções diárias, recebem uma sobrecarga de trabalho, não sendo reconhecidas perante as figuras patriarcais, as horas

destinadas a esses cuidados, ainda vistos com um status de inferioridade, muitas vezes definidos pela não remuneração.

Há uma grande necessidade em falar sobre gênero, principalmente no meio rural. São atribuídos espaços sociais diferenciados entre homens e mulheres. Onde a mulher, em específico, tem como o seu principal local de atuação, o espaço doméstico e familiar. A autora Piscitelli, afirma que essas desigualdades são naturalizadas devido às distribuições de poder entre homens e mulheres. Segundo a autora, as mulheres têm mais anos de estudos, em média, do que os homens, além de trabalharem mais horas do que eles e mesmo assim, ganham menos. Não há uma divisão equitativa do trabalho doméstico, e quando há, normalmente é compartilhada com outra mulher, sejam elas, mães ou filhas. (PISCITELLI, 2009).

Ainda a autora, coloca que a perspectiva dos papéis sexuais permite contestar pressupostos biológicos sobre os comportamentos de homens e mulheres e isso contribui para situar as mulheres em posições inferiores. Dessa forma, “Alterando-se as maneiras como as mulheres são percebidas, seria possível mudar o espaço social por elas ocupados” (PISCITELLI, p. 9).

A autora Paulilo, ainda antes, constatou o mesmo fato sobre a desvalorização do trabalho feminino: “Apesar da sutileza empregada na exploração da mão-de-obra feminina, há mulheres que, realizando as mesmas tarefas que os homens, ganham menos.” (PAULILO, 1987, p. 2). Para ela, o descaso com a realidade vivenciada por essas mulheres, principalmente tratando-se do meio rural, é justamente devido à carência de estudos sobre a mulher no campo.

Segundo Siliprandi, “para reverter a situação de invisibilidade e enfrentar a questão do poder, seria necessário, entre outras questões, oferecer-lhes apoio organizativo e possibilitar que as mulheres tivessem acesso a recursos produtivos, para que pudessem desenvolver suas capacidades” (SILIPRANDI, 2015, p. 103). A autora também constata que no campo agroecológico persiste uma invisibilidade sobre as questões das mulheres, tal como ocorre na agricultura familiar em geral, em que a participação da mulher não é valorizada, e as suas reivindicações específicas acabam ocupando um espaço marginal, ou mesmo não sendo contempladas nas pautas políticas dessas organizações.

Strate (2018) apontou o mesmo olhar para a invisibilidade vivenciada pelas mulheres, relacionando com os quintais produtivos e o trabalho realizado por elas:

“O modelo patriarcal de família e a divisão sexual do trabalho organizam a inserção das mulheres no trabalho agrícola. Suas atividades estão relacionadas ao papel de mães, vinculadas ao trabalho doméstico e de cuidados, com a produção no quintal, da horta, do

pomar e de pequenos animais. Seu trabalho no quintal não é reconhecido como trabalho, é visto como ajuda, o que promove a visibilização das mulheres como produtoras de alimentos.” (STRATE, 2018, p. 3733).

Apesar disso, são as mulheres detentoras dos saberes tradicionais – os quais muitas vezes são adquiridos por gerações e transmitidos às seguintes – que mantêm uma tradição importante para a manutenção cultural e de questões essenciais à satisfação das necessidades humanas.

Para Leal, o problema das desigualdades nas relações de gênero atravessa décadas, “Essa desigualdade se expressa, via de regra, nas relações de trabalho, nas quais as atividades realizadas pelas mulheres são reconhecidas simplesmente como “ajuda” decorrente do exercício do seu papel de esposa”(LEAL et al, 2020, p. 12).

Na perspectiva dessas invisibilidades, há uma importante frente que tem recebido grandes considerações e é pautada pelo feminismo, sendo a introdução de uma produção de base agroecológica que implica na transição da retirada do veneno, optando por uma produção consciente e responsável por meio de um planejamento e de alternativas mais sustentáveis. Essa mudança é observada como iniciativa da mulher, principalmente através do seu papel de cuidados com o alimento disponível para a família, despertando, assim, uma consciência e necessidade de consumir produtos nutritivos e livres de agrotóxicos. Através dessa iniciativa, observa-se que a mulher garante uma nova perspectiva, onde transmite seus conhecimentos aos membros da família, diluindo a invisibilidade e promovendo menor desigualdade no campo, com relação ao gênero (LEAL et al, 2020).

Deste modo as mulheres tornam-se detentoras de saberes que contribuem para a prática diferenciada de uma produção que visa promover a saúde da família e como consequência disso, pode ainda estimular uma valorização nos casos dos alimentos que são comercializados – considerando que os produtos orgânicos e diversificados recebem preferências nas feiras e hortifrutis – e assim, permitir o protagonismo e o reconhecimento através destas novas perspectivas que são citadas pela autora Leal. Assim como também aponta Marques:

“Há uma presença maciça das mulheres nos movimentos que reivindicam a legitimação das práticas populares em saúde; que os conhecimentos associados às plantas medicinais são reconhecidos como parte do universo feminino; e que, no contexto dos movimentos de mulheres camponesas, tem havido um processo de ampliação do escopo da discussão da saúde para o terreno ético-político da construção de cidadania e do feminismo”. (MARQUES et al, 2015, p. 157)

As mobilizações e os movimentos em torno da agroecologia e do feminismo, transformam significativamente as relações de gênero no campo. A Marcha Mundial das Mulheres, é exemplo de um dos mais influentes movimentos, onde há a construção de pautas e estratégias comuns entre mulheres com culturas e políticas diversas, de relações de respeito e ação conjunta entre mulheres trabalhadoras da cidade e do campo. (MARQUES et al, 2018)

Esses movimentos, propõem mudanças na sociedade, principalmente no meio rural, onde as mulheres que sempre foram subordinadas com desvalorização monetária, mostram que para existir maior igualdade de gênero, é preciso considerar aspectos que vão desde a classe social até a raça e orientações sexuais. (MOREIRA; TELLES, 2020)

“Os movimentos de mulheres organizadas cunharam o lema “Sem feminismo não há Agroecologia”, apontando outros sentidos políticos para o conceito de agroecologia, distanciando-se cada vez mais de uma visão técnico-produtivista. Esse lema expressa o entendimento de que o Feminismo e a Agroecologia fazem parte da construção de um mesmo projeto de transformação da sociedade. [...] Por esse motivo, afirmam que a agroecologia deve ser feminista, antirracista, anticapitalista e antilgbtfóbica.” (MOREIRA; TELLES, 2020, p. 3)

A articulação entre feminismo e agroecologia fortalece a luta pela autonomia das mulheres e com o passar dos anos, mesmo que com um processo lento, mudam-se as perspectivas ultrapassadas.

Hirata e Kergoat, relatam sobre o início do movimento das mulheres ter sido através de um despertar da consciência coletiva sobre a opressão específica vivida por elas. Segundo as autoras, “Torna-se então coletivamente “evidente” que uma enorme massa de trabalho é efetuada gratuitamente pelas mulheres, que esse trabalho é invisível, que é realizado não para elas mesmas, mas para outros, e sempre em nome da natureza, do amor e do dever materno.” (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 597)

Aos poucos, o trabalho doméstico tornou-se reconhecido perante análises que a abordaram como uma atividade de trabalho profissional, permitindo novas perspectivas que levaram a pensar em termos de “divisão sexual do trabalho” (HIARATA e KERGOAT, 2007).

Nos assentamentos e em específico, as mulheres envolvidas nesse estudo, reconhecem a diferença existente em fases anteriores que viveram e a de atualmente. Muitas delas, hoje viúvas, percebem ainda mais, a desvalorização que existia do seu trabalho por parte das

figuras patriarcais, após assumirem a liberdade e o protagonismo de suas vidas. Outras, ainda vivenciam essa opressão.

1.3. Os quintais diante da produção de monocultura

Com relação às formas de cultivo, é notável a diversificação com relação às práticas de manejos. Por um lado, tem-se o uso de agrotóxicos sendo incentivados e facilitados no atual governo, com mais de 13.300 registros de agrotóxicos em 2019, que são ofertados em forma de pacotes atrativos para os produtores utilizarem nos ciclos das plantações (MORAES, 2019). Por outro, vê-se a crescente conscientização, principalmente por parte da agricultura familiar com relação à saúde dos sistemas naturais, tanto dos solos como das águas, e também da saúde do alimento que é cultivado em específico nos ambientes destinados ao consumo da família.

Nas atuais circunstâncias em que vivemos, mais do que nunca se faz necessário a busca por alternativas de enfrentamento aos efeitos das mudanças climáticas globais, sendo evidente a necessidade de potencializar as experiências orgânicas e agroecológicas, de gestão das diferentes fontes de água existentes, além de incentivar novas iniciativas. A ANA (Articulação Nacional da Agroecologia) define agroecologia como uma forma de agricultura sustentável que retoma as concepções agronômicas anteriores à chamada Revolução Verde. São chamadas de agroecologia as práticas de agricultura que incorporam as questões sociais, políticas, culturais, energéticas, ambientais e éticas, incluindo a agricultura familiar, ou seja, pode ser considerada uma ciência, uma prática e um movimento.

A agroecologia se faz presente nos quintais produtivos, pois tratam-se de ambientes ricos em experiências, dinâmicos e resistentes, que ampliam e fortalecem a agricultura familiar, seja na forma orgânica de cultivo, na obtenção dos meios necessários para a sobrevivência e nas práticas dos saberes tradicionais, como também na percepção ambiental, a qual permite consciência e planejamento quanto ao cultivo, respeitando a sazonalidade dos alimentos e exaltando a biodiversidade. A Agroecologia não é um sistema de produção, mas um enfoque teórico- metodológico, uma ciência de síntese entre várias outras ciências, não apenas entre agronomia e ecologia como a palavra sugere (GLIESSMAN, 2000; SEVILLA GUZMÁN, 2002).

Assim sendo, o enfoque agroecológico traz consigo as ferramentas teóricas e metodológicas que auxiliam se considerar, de forma holística e sistêmica, as seis dimensões da sustentabilidade, ou seja: a Ecológica, a Econômica, a Social, a Cultural, a Política e a

Ética (CAPORAL; COSTABEBER, 2009). Desta forma, o conceito é amplo, pois pretende compreender toda a complexidade de processos biológicos e tecnológicos, socioeconômicos e políticos, abrangendo a produção e a circulação dos bens produzidos, até sua chegada aos consumidores (SEVILLA GUZMÁN, 2002).

A extensão do cultivo de monocultura nos assentamentos rurais se amplia ao longo dos anos, principalmente na região estudada, sendo ainda mais evidente o contraste do quintal produtivo, que engloba árvores nativas, frutíferas, hortas, plantas medicinais, ornamentais, PANCs, os animais de pequeno e médio porte, que contribuem para a segurança alimentar, através da disponibilidade da proteína animal e dos seus derivados, como o leite e os ovos.

Dessa forma, considera-se o quintal produtivo um local de resistência aos modos de produção da agroindústria canavieira e de outras monoculturas também presentes, como a soja e o sorgo. O quintal apresenta uma alta diversidade de espécies em um pequeno espaço de terra, permitindo contemplar em sua paisagem as estratificações das árvores e comparar com as estruturas pariformes da monocultura. Um fato relatado nos assentamentos é o aumento da presença de pássaros e outros seres vivos que buscam alimentos também nesses locais, devido ao desmatamento ocasionado pela monocultura, enfatizando os mais diversos problemas.

É possível verificar alternativas mais sustentáveis e conscientes, muitas vezes sinais de uma diferenciação no manejo do solo, outras são expressões evidentes de que as práticas convencionais não são as únicas existentes nos assentamentos. Nestes sinais e nestas expressões, contam os conhecimentos tradicionais, a troca de experiências entre os próprios assentados e o acúmulo de toda uma existência enquanto grupo familiar rural (LOPES, 2014).

Seguindo essa linha, Ferrante et al. (2018) constatou a seguinte questão:

A agricultura familiar encontra-se em uma situação deveras preocupante, face ao padrão tecnológico da agroquímica e ao teor das políticas agrícolas vigentes. A excessiva especialização dos sistemas produtivos e as monoculturas, em uma realidade ecológica caracterizada como de elevada biodiversidade, os leva a uma dependência crescente de agroquímicos, pesticidas e fertilizantes sintéticos, que causam impacto negativo sobre o ambiente, os trabalhadores rurais e os alimentos assim produzidos. (FERRANTE et al, 2018, p. 6)

A agrobiodiversidade presente no quintal produtivo torna-se uma estratégia de preservação de espécies, contribuindo para a sociobiodiversidade e também na segurança alimentar gerada para a família. O quintal traz em sua trajetória a forma mais primitiva de produção e manejo da terra, demonstrando seu bom uso na sustentabilidade alimentar (AMARAL e NETO, 2008). Pode ser considerado, ainda, um embrião da agroecologia pelo

fato da priorização de um cultivo livre de agrotóxicos, o que proporciona uma maior saúde dos alimentos produzidos.

Wanderley traz uma importante discussão com relação à modernização da agricultura e as problemáticas que são decorrentes deste fato:

O saber tradicional dos camponeses, passado de geração em geração, não é mais suficiente para orientar o comportamento econômico. O exercício da atividade agrícola exige cada vez mais o domínio de conhecimentos técnicos necessários ao trabalho com plantas, animais e máquinas e o controle de sua gestão por meio de uma nova contabilidade. O camponês tradicional não tem propriamente uma profissão; é o seu modo de vida que articula as múltiplas dimensões de suas atividades. A modernização o transforma num agricultor, profissão, sem dúvida, multidimensional, mas que pode ser aprendida em escolas especializadas e com os especialistas dos serviços de assistência técnica. (WANDERLEY, 2003, p. 46).

Essa modernização implica na diluição da cultura popular, impondo outros recursos como princípios básicos e necessários, tornando o conhecimento adquirido e até então suficientes para a produção, desvalorizados. Assumindo a posição de “ultrapassados”. Os quintais produtivos são os locais que tornam-se refúgio para essa realidade, onde neles, bastam os saberes tradicionais para funcionar e fluir, de forma leve. Assim, assumem valores ainda maiores dos que os do autoconsumo, como também do resgate do ser interior, das vontades próprias e da autossuficiência.

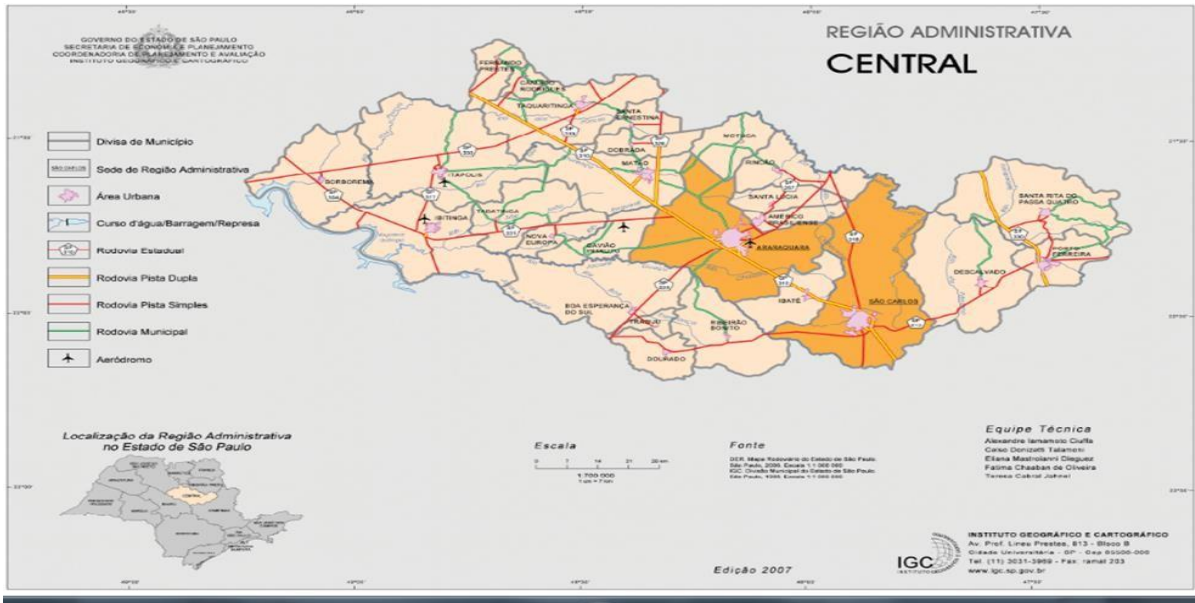
CAPITULO II: Os Assentamentos de reforma agrária num território de monocultura

2.1. Assentamentos rurais: caracterização da região a ser estudada

A Região Administrativa Central de São Paulo (RAC) é composta por 26 municípios, e nesses se concentram cerca de um milhão de habitantes. Os mais populosos sendo São Carlos, com 254.484, Araraquara com 238.339 habitantes, seguidos de Matão, com 83.170 habitantes, sendo os dois primeiros considerados sedes da região.

O município que apresenta a maior área é São Carlos, abrangendo mais de 1.130 km² e, em seguida, Araraquara, totalizando uma área de 1.004 km². Porém, muitos trabalhadores rurais vivem no perímetro urbano, bem como os trabalhadores rurais temporários de origem externa aos municípios, que são considerados como população urbana, o que leva a uma subestimação da população rural de tais municípios. (SEADE, 2020).

Figura 1- Mapa da Região Administrativa Central do Estado de São Paulo



Fonte: Instituto Geográfico e Cartográfico do Estado de São Paulo - IGC (2007).

A região também possui uma série de assentamentos rurais. Em Araraquara, há três assentamentos rurais, sendo dois deles de responsabilidade da Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo - ITESP (vários núcleos), e um do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA (Bela Vista do Chibarro), sendo advindos de diferentes políticas públicas implementadas ao longo dos últimos 30 anos. A partir da década de 2000 novos assentamentos surgiram, inclusive com os novos modelos de Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS), como o Santa Helena e o 21 de dezembro, nos municípios de São Carlos e Descalvado, respectivamente (LOPES et al, 2017).

Figura 2- Localização do Assentamento Bela Vista do Chibarro



Fonte: LEAL, 2019.

Figura 3 - Localização do Assentamento Monte Alegre



Fonte: LEAL, 2019.

É relevante destacar que a maior parte das áreas agricultáveis dessa região é ocupada por monoculturas, sendo notável uma paisagem tomada por grandes extensões de terra que são ocupadas pela cana-de-açúcar, laranja, café e eucalipto. A região de Araraquara caracteriza-se ainda pelo alto dinamismo do agronegócio, com empresas sucroalcooleiras e madeireiras cobrindo uma vasta extensão territorial. Evidenciando o contraste com estes tons de riqueza, a região apresenta um histórico de exploração e precarização dos trabalhadores e do uso da terra, com um tipo de agricultura convencional extremamente nociva em termos da

utilização dos recursos naturais, voltada às *commodities* e à agroexportação (FERRANTE et al., 2012).

Os primeiros núcleos de assentamentos (Monte Alegre I, II, III e IV) foram instalados pelo Itesp nos anos de 1985 e 1986, ainda na gestão do governador Franco Montoro (1983-1986), tendo sua instalação se completado mais de dez anos depois. Hoje o projeto de assentamento Monte Alegre conta com 6 núcleos, perfazendo um total de 416 lotes agrícolas e, segundo o Itesp, 418 famílias que ali residem. A área da Fazenda Monte Alegre era, originalmente pertencente à Fepasa (Ferrovias Paulistas S.A.), estando sob gestão da CODASP (Companhia de Desenvolvimento Agrícola de São Paulo) quando os assentamentos foram conquistados.

No mesmo período em que o Itesp¹ instalou um dos núcleos mais recentes do projeto do assentamento Monte Alegre – o de número VI, ainda na primeira gestão Mário Covas (1995-1998) – também assentou 31 famílias no Horto de Bueno de Andrade, área também anteriormente pertencente à CODASP e localizada no distrito araraquarense de Bueno de Andrade (que dá nome ao Horto). As dimensões deste projeto de assentamento, além da origem comum da mobilização das famílias ali assentadas e das que foram para o núcleo VI do Monte Alegre, fazem com que o Horto de Bueno seja considerado um apêndice do grande projeto de assentamento Monte Alegre.

Além desses núcleos do Itesp, existe um projeto de assentamento promovido pelo governo federal (Incra) no município de Araraquara: o projeto de assentamento Bela Vista do Chibarro, com 176 lotes agrícolas e atualmente com 203 famílias.

O projeto de assentamento Bela Vista se encontra em terras anteriormente pertencentes a uma usina de açúcar (Usina Tamoio), cuja desapropriação data de 1989. A mobilização que levou à instalação deste Projeto de Assentamento (PA) acaba sendo emblemática da luta dos trabalhadores rurais nas terras dos canaviais (FERRANTE, 1992).

Conforme a tabela a seguir, atualmente, os assentamentos da região de Araraquara abrangem um universo de 612 famílias assentadas. A pesquisa será realizada empiricamente

¹ A Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo – “José Gomes da Silva” – (ITESP) está vinculada à Secretaria da Agricultura e Abastecimento e atualmente é o órgão responsável pelo planejamento e execução das políticas agrárias e fundiárias do estado de São Paulo. Sua atuação gera controvérsias não objetos da presente análise.

neste universo, que contempla diferenciações entre assentamentos de gestão federal e estadual e criados em diferentes conjunturas.

Tabela 1 – Projetos de assentamentos rurais da microrregião de Araraquara-SP

Nome do Projeto	Município Sede	Área (ha)	Nº de famílias (capacidade)	Famílias Assentadas	Ano de criação
PA Bela Vista do Chibarro	Araraquara	3.842,3219	210	201	1990
PE Horto Sylvania	Matão	405,4000	19	19	2000
PE Monte Alegre I	Motuca	726,0000	49	48	1985
PE Monte Alegre II	Motuca	857,7000	62	62	1985
PE Monte Alegre III	Araraquara	1.099,5600	81	78	1986
PE Monte Alegre IV	Motuca	679,3500	49	48	1986
PE Monte Alegre V	Motuca	483,7600	34	34	1991/1992
PE Monte Alegre VI	Araraquara	1.253,9400	96	92	1996
PE Bueno de Andrade	Araraquara	472,4100	31	30	1998
Total		9.820,44	631	612	

Fonte: NUPEDOR, 2018.

Os dilemas da inserção regional desses projetos de assentamento não se referem apenas à trajetória das famílias – um retrato das contradições dessa modernização agrícola – ou à participação no mercado que esses produtores assentados têm ou almejam ter. Desde a sua instalação, o conflito com forças políticas representativas do complexo agroindustrial da cana se fez presente, pautando em muito a discussão sobre os projetos de desenvolvimento dessas experiências de reforma agrária. Inegavelmente, a expansão da cana põe em questão a

gestão do trabalho no interior dos assentamentos. Entretanto, a produção para o autoconsumo e a recuperação de um possível *ethos* camponês continuam tendo peso significativo no viver dos assentados, assim como as perspectivas de diversificação e os papéis das mulheres que em nenhum momento foram dissolvidos com a integração nas parcerias (FERRANTE, 2021).

As famílias assentadas encontram durante todo o período de vida nos assentamentos um forte assédio para que se tornem fornecedores de matéria prima para usinas da região. Esta condição estruturante do modo de vida das famílias coloca em perspectiva sua análise enquanto sistema produtivo hegemônico – a integração agroindustrial – e suas consequências econômicas, sociais e ambientais. No presente, novas formas contratuais vêm sendo impostas na relação entre assentamentos e agroindústrias do setor sucroalcooleiro.

Porém, em contrapartida, há vários outros aspectos a serem analisados neste universo empírico que envolve o campo social dos assentamentos e seus modos de vida. Em meio ao mar de monocultura de cana, emergem situações como práticas e organizações agroecológicas, potenciais diferenciados dos assentamentos no abastecimento urbano e o reconhecimento dos protagonismos femininos. Novas organizações focadas na transição agroecológica surgiram nos últimos cinco anos e vêm desafiando as estruturas produtivas hegemônicas da região com uma produção diversificada, comercializada em cadeias curtas de comercialização como as feiras municipais.

CAPITULO III: A vida e o protagonismo das mulheres assentadas

3.1. Elza, Assentamento Monte Alegre – Araraquara, SP: O cuidado com a biodiversidade

Dentro do assentamento pode se tornar um desafio encontrar um determinado lote, pois o cenário é de muitas estradas de terra, rodeadas pela cana e que não possuem placas de identificação. O lote da Elza, fica no Assentamento Monte Alegre, nele residem apenas ela e o marido. É possível observar a biodiversidade presente, sendo a casa cercada por árvores e plantas ornamentais, nas quais, são perceptíveis os cuidados com podas e a elaboração de pequenos espaços paisagísticos.

Figura 4 - Plantas ornamentais, árvores nativas e frutíferas presentes próxima a varanda que contorna toda a casa.



Fonte: Acervo da autora, 2022.

No dia do registro da foto, haviam cerca de seis maritacas que se camuflavam com o seu verde vibrante na primeira árvore de galhos longos e fizeram companhia durante todo o almoço. O azul do céu destacou ainda mais a beleza das plantas, que permitiram um clima ameno com suas sombras, mesmo diante de um dia ensolarado e quente. Era cerca de 9 horas da manhã e a sensação de estar ali, contemplando o privilégio que é estar tão próximo da natureza, se fez necessário um registro que pudesse transmitir de alguma forma o sentimento revigorante daquele instante.

A moradora desse lugar especial é a Elza, uma mulher de 55 anos, nascida em Serrolândia – BA, mas que habita no assentamento há 7 anos, vinda de um lugar distante para

se casar com seu primeiro e atual marido. É possível entender os motivos que a fazem querer permanecer no assentamento através do carinho que demonstra por cada espaço do seu lote, para ela, aquele local tem potencial para ser transformado, muito além do que já tem sido, inclusive. O desejo é de tornar a sua casa um local de turismo rural, para isso, ela planeja diversas mudanças como: um canteiro para as ervas medicinais, horta, consolidação de um SAF, galinheiro móvel, construção de um lago e vários outros espaços que ganham inspirações através de seus pensamentos e de pesquisas realizadas na internet.

O quintal, em sua história, ganha um significado de pertencimento. Local onde dedica sozinha horas /do seu dia para cuidar, cultivar, criar, sempre com a intenção de melhorá-lo para ver os frutos dessa dedicação: *“Cuido do quintal parcialmente sozinha, só conto com a ajuda de um rapaz para cortar a grama e roçar o mato em volta. Até o momento, não comercializo nada daqui, mas a minha intenção é comercializar e ter uma renda a partir dele”*. (Entrevista com Elza, 2021).

O marido trabalha para a Cutrale na colheita de laranjas. Ele sai de casa às 5 horas da manhã e retorna somente às 17 horas. Com isso, Elza acorda por volta das 4 horas para preparar o café e a marmita do almoço dele de todos os dias. Em seguida, cuida da casa e das roupas, destinando as horas livres para os cuidados com o quintal, onde realiza manejos, plantios e colheitas todos os dias. Ela possui interesse em começar seus novos projetos com uma produção de transição de base agroecológica. Diz acreditar nessa possibilidade e tem feito leituras sobre o assunto. Fica a imaginação do quão ainda mais rico em diversidade aquele local pode se tornar, e, se depender dela, as coisas irão acontecer o quanto antes.

Cada momento vivenciado ali trazia uma sensação de esperança e libertação após tantos meses vivendo de medos e angústias devido à pandemia do COVID-19. Haviam muitos pássaros e cantos que nunca havia escutado, a natureza se comunicava de diversas formas, transmitindo significados únicos para um alguém urbano, que dificilmente presencia tanta natureza num só lugar.

Foi realizado um levantamento das espécies que são cultivadas no lote e durante a caminhada para a identificação, ela se ofereceu para preparar um almoço e conseguiu surpreender através das escolhas para o prato. Começou pegando a farinha de tapioca, uma frigideira e enquanto contava que lá em sua terra natal eles chamam a tradicional tapioca de “beiju”. Pediu para colhermos algumas ervas e o almeirão presente no seu quintal. Elza, demonstrou muita facilidade com o manuseio do beiju, fez todas participarem no preparo do almoço, o que tornou o momento ainda mais especial e de muitas trocas. A refeição foi feita ao ar livre, na extensa varanda que contorna toda a casa. O cardápio, que por sinal, foi

improvisado, conteve: Beiju, salada de almeirão com PANCs e frango desfiado e um delicioso suco de manga com capim santo. Como se já não fosse muito, colocou na mesa uma sobremesa mais do que especial, feita com produtos que ela mesma plantou e colheu: um sorvete de amendoim com hortelã. Ofereceu também uma travessa de canjica e um bolo feito com flocos de milho. Um verdadeiro banquete e quanto ao sabor dos alimentos, se dispensa qualquer comentário, teve afeto e carinho.

Figura 5 – Primeira imagem referente ao almoço na varanda. Segunda imagem, dona Elza no preparo do Beiju.



Fonte: Acervo da autora, 18/03/2022.

As duas imagens representam um momento de afeto, da direita para a esquerda: Elza demonstrando sua habilidade com a farinha de tapioca no preparo do Beijú, que até então não havia provado dessa forma como realizou, em formato de pequenos discos. Enquanto cozinhava, íamos cortando e preparando os outros ingredientes da salada e trocando experiências de vida. Na esquerda, já o almoço pronto preparado por oito mãos, e posto numa mesa feita de carretel de madeira na varanda com quatro cadeiras ao redor, ao passo que apreciávamos o almoço refrescante, uma brisa boa que invadia.

Elza contou sobre fazer uso de muitas ervas medicinais que cultivava em seu quintal:

“Faço muito uso principalmente da Erva Cidreira e do Capim Santo. Faço chás que ajudam muito com a ansiedade e para a digestão. A Cidreira de folha, eu uso muito ela para o intestino, é ótima para infecção intestinal e serve para a pressão alta também. E resolve viú?”

Me ajudam bastante! Vivo preparando esse chá”. (Entrevista com Elza, 2021)

Uma das plantas medicinais encontradas em seu lote foi a Colonia, a qual é conhecida na Bahia e pela Elza como Levante, disse ter descoberto recentemente ser uma espécie antiinflamatória: “Ela é muito boa viu, eu estava com o dente meio dolorido na gengiva, aí tomei um chá dela e não é que eu fiquei boa do dente? Daí eu falei: Ah, ela é anti-inflamatória também. E eu amo o chá, daí que eu abuso!”, demonstrando toda a sua empolgação em fala por ter descoberto sozinha, através de sua vivência, uma nova propriedade medicinal da planta já existente em seu quintal.

As “farmácias vivas” estão presentes na maioria dos quintais produtivos e atrelam suas importantes funções na saúde dos indivíduos como também na experiência de vida, no conhecimento adquirido diariamente e nas relações com o meio ambiente.

Figura 6 – Elza mostrando o aroma da planta que trouxe da Bahia, conhecida por ela como Levante.



Fonte: Acervo da autora, 18/03/2022.

No momento, ela arrancou pedaços da folha, esfregou com os dedos e pediu para sentirmos o aroma da planta que trouxe da Bahia, conhecida por ela como Levante, a folha apresenta um aroma bastante característico, daqueles que instigam degustar o sabor.

Frequentemente diz utilizar o chá para diversas finalidades e até mesmo por ser de seu agrado. Momentos como esse acima, são comuns entre as mulheres, no campo e na cidade, faz parte da identidade feminina farejar cheiros, sendo expressões e gestos que remetem à sabedoria, autoconhecimento e memórias afetivas.

Elza tornou-se membro da Ramas Girassóis, uma rede de mulheres que se desenvolve a partir da identidade feminina e da convergência de trabalhos e ações de pesquisadoras, professoras e estudantes, com mulheres e parceiras do campo, que unem forças para se apoiar e se organizar no processo de produção e renda, extrapolando a perspectiva monetária e trilhando os caminhos da agroecologia.

Em uma das conversas, ela expressou sua visão sobre o presente do assentamento com alguns pontos:

“Deveria ser bem melhor se houvesse união entre os produtores. Na minha opinião, se a visão dos produtores fosse menos individualista o crescimento econômico fluiria melhor. [...] Outra questão desfavorável é o descaso das prefeituras, deveria ter transporte público e melhorias na saúde tipo uma ambulância disponível para o assentamento. A CPFL também deixa muito a desejar, basta firmar chuva que ficamos sem energia[...]Acho também que caberia mais movimentos como o do Ramas para resgatar ou implantar a ideia do social” (Entrevista com Elza, 2021)

Ainda sobre residir no assentamento, quando questionada quanto à questão da titulação do lote, expressou uma opinião formada:

“Acho humanamente justo pois muitas famílias tiveram seus filhos, os criaram e produzem algo aqui. Nada mais justo do que eles receberem o título, o que lhes darão uma certa independência. Além de valorizar todo o trabalho que tiveram até hoje. Por outro lado, acho que muitos podem acabar vendendo seus lotes. Confesso que não sei a fundo o significado do título, ou seja, a diferença entre INCRA e ITESP”. (Entrevista com Elza, 2021)

No lote, há também um grande pasto com alguns bovinos, inclusive um mini boi, um dos motivos pelos quais a Elza acredita ser uma oportunidade para as pessoas conhecerem essa espécie através do turismo rural. Ela faz uso do leite das vacas para o consumo próprio e na produção de queijos e receitas, que ainda pensa um dia em comercializar. Além das muitas espécies frutíferas, ornamentais, medicinais, PANCs e ervas aromáticas.

No total, quantificou-se 25 espécies medicinais e 21 espécies frutíferas, além de plantas ornamentais, ervas aromáticas, temperos e PANCs, totalizando 68 espécies vegetais, somente neste quintal. Constatou-se através do levantamento das espécies e da etnobotânica, a

importância do local para a qualidade de vida dela e do seu marido, que aos finais de semana, passa o tempo cuidando do pasto e dos bovinos, contribuindo com relação aos manejos do quintal.

3.2. D. Jusefa, Assentamento Monte Alegre – Araraquara, SP: O vigor e o encantamento pelas flores

Dona Jusefa, é uma mulher que aos seus 72 anos de idade, sendo 20 deles como moradora do Assentamento, abriu as suas portas e compartilhou a história de vida e lutas diárias enfrentadas por ela. Já na entrada de sua casa, os olhos são preenchidos por uma paisagem colorida com muitas flores, folhagens e cerâmicas artesanais, que diante de um dia nublado como estava, bastaram para despertar o sentimento de alegria. A percepção, logo de início, é de horas de dedicação diária somente aos cuidados do jardim, sendo notável a atenção com cada espaço e a retribuição de todo o seu esforço são as plantas saudáveis, viscosas e extremamente floridas.

Figura 7 – Primavera e flores junto as cerâmicas coloridas que enfeitam o quintal.



Fonte: Acervo da autora, 2022.

As cores vibrantes expressadas pelas flores da Primavera, acompanhadas das cerâmicas ornamentadas por ela mesma, são capazes de alegrar os dias mais nublados. É

possível notar uma poda recente e o cuidado com cada um dos pés das plantas, considerados os “xodós” de D.

Jusefa. Muitas vezes, ela realiza sozinha esses manejos.

Ela caminhou até a varanda para mostrar a sua mais recente colheita: Pimenta do Reino. Contou sobre nunca ter feito a poda desta planta por falta de conhecimento e que contratava uma pessoa para ajudá-la quando necessário, sendo que na última vez, a poda foi drástica e a pimenta sequer produziu. Através da sua determinação irrefutável, resolveu se arriscar na poda e o resultado foi a maior produção que já ocorreu. Contava os detalhes com brilho nos olhos, transparecendo a sensação de orgulho próprio, por um trabalho bem feito. Com essa produção que de certa forma aumentou os ânimos, ela pretende expandir o plantio desta espécie e comercializar o produto já processado, em feiras locais, visando a longa duração e alta procura de mercado das especiarias artesanais e orgânicas. Explicou quanto ao processo, que espera a pimenta secar bem após a colheita, somente depois disso, passa para um pilão grande e começa a moer manualmente, exigindo bastante de sua força já que segundo ela, é necessário que o pó esteja bastante fino e uniforme.

Seguimos com a caminhada pelo lote, a todo momento sendo contempladas por mais flores. Saindo da varanda, há uma mesa com diversas mudas de Rosa do Deserto, uma espécie ornamental popularmente comercializada e visada por colecionadores. Ela explicou que ganhou a sua primeira muda, e então percebeu a facilidade em cuidar desta espécie, despertando a vontade em tentar produzir mais mudas. Com muito sucesso, hoje em dia Jusefa também possui a sua coleção e ainda distribui as mudinhas para as vizinhas.

O que também chamou a atenção foi uma estufa construída de madeira e sombrite, ao lado das Rosas do Deserto. Através do revestimento vazado como o do sombrite, as cores das flores já eram visíveis de fora, mas ao abrir a porta da estufa tivemos uma verdadeira experiência com o perfume inconfundível, encontrava-se um orquidário. O seu “xodó”, como ela mesma disse.



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Na esquerda, contornando uma árvore nativa, encontram-se as mesas que servem de suporte para a coleção de Rosas-do-Deserto. À direita, uma estufa construída com estacas de madeira e sombrite que acomodam um orquidário, colorido e perfumado. Os registros foram feitos durante a caminhada para conhecer o lote na presença da Jusefa, permitindo observar a admiração dela por esses dois espaços em especial.

Depois de muito se encantar com as flores da Dona Jusefa, ela caminhou em direção ao fundo do lote onde fica localizado a sua produção de verduras hidropônicas. A instalação da estrutura foi feita por seu falecido marido, que realizou também a construção de um pequeno depósito, onde estão os insumos utilizados na hidroponia e o sistema de irrigação que é composto por uma piscina, onde a Jusefa precisa depositar os nutrientes que serão dissolvidos na água e distribuídos para a produção através desta irrigação. Ela precisa repetir esse processo todos os dias logo cedo.

Nos contou que a produção está um pouco abandonada por falta de ajuda de mão de obra, pois trabalha praticamente sozinha, já que o filho trabalha na cidade e é casado, costuma voltar somente aos finais de semana para a casa que é dele, localizada ao final do lote. Portanto, são poucos os dias que ela recebe essa ajuda e que muito a exigem.

O que produz, acaba comercializando em feiras próximas, onde muitas vezes são os vizinhos que juntam a produção deles e comercializam por ela, fazendo a intermediação. Contou emocionada que gostaria de ter mais ajuda para realizar o plantio de um SAF, que foi

até começado pelo filho, mas está inacabado. Inclusive, o local estava bastante limpo, com canteiros preparados e ela explicou que o filho havia feito no final de semana anterior, com o intuito de realizar o plantio de algumas leguminosas para a melhoria do solo. Mas se preocupa em não ter a ajuda necessária para lidar com mais uma produção e acabar gerando um desperdício, como já ocorreu outras vezes.

Jusefa ficou bastante emocionada ao se lembrar do marido. Ele faleceu durante a pandemia do COVID-19, disse que estava muito bem de saúde e que se ausentou algumas horas como de costume, já que era o responsável por cuidar da hidroponia. Quando ela foi procurá-lo, encontrou-o sem vida sentado no depósito, havia tido um infarto. Ela se sente muito sozinha deste então, desabafou que nunca pretende sair da sua casa, pois sempre foi muito feliz ali ao lado dele, e as memórias são tudo que lhe restou.

Contou também que depois de se tornar viúva, foi em busca de realizar um sonho pessoal e que era a vontade de seu esposo há muitos anos, de que ela tirasse carteira de habilitação. Muitas vezes sentiu que aquilo jamais seria capaz, diante da idade que tinha e o desestímulo por parte do filho devido a preocupação com a mãe. Mas diante de uma necessidade, e através de muito incentivo vindo de sua vizinha, ela se encorajou. Jusefa aos 70 anos conseguiu sua primeira habilitação e diz ser um dos motivos de maior orgulho dela, e que apesar de ainda ter bastante receio de dirigir sozinha, ela insiste sempre em dar algumas voltas pelo assentamento a fim de praticar e ganhar confiança.

3.3. Jiseli, Assentamento Monte Alegre – Araraquara, SP: O pioneirismo no protagonismo da mulher

Jiseli, tem 58 anos e reside no assentamento há 17 anos. Ela é filha de camponeses. Seu pai tinha uma fazenda onde orientava pessoas da região na época de plantio e colheita, chegando a ficar 6 meses com essas pessoas trabalhando ao seu lado. Infelizmente, quando Jiseli completou 10 anos, sua mãe que tinha 32 anos, faleceu dando à luz ao seu décimo filho. Ela é a terceira filha dos dez. Apenas nove meses depois, seu pai veio a falecer com uma doença crônica, e assim órfãos, os irmãos foram separados. Jiseli e mais dois irmãos, foram morar com a avó, já viúva.

Logo que completou 12 anos de idade, a avó quebrou um braço e em seguida sofreu um derrame ficando com graves sequelas, assim, ainda muito jovem assumiu uma enorme responsabilidade e cuidou sozinha não só da avó, como também do tio que adoeceu, e mais dois irmãos. Contou que além de tudo, ainda era necessário trabalhar na roça, colhendo café e também nas casas de farinha de mandioca, não tendo a oportunidade de estudar.

Dos doze anos aos dezoito, sua avó sofreu três derrames e mesmo em cima de uma cama ela dizia que não queria morrer e deixá-la desamparada. Nessa época, começou o namoro com o atual marido, cujo relacionamento obteve o consentimento da avó e assim, casaram. Com a avó muito mal de saúde e internada, um mês após seu casamento, ela faleceu. Jiseli continuou morando no sítio.

Casou-se com 18 anos e foi mãe aos 19. Com 20 anos, teve a sua segunda filha e com 23, o terceiro. E assim, contou:

“Quando o meu caçula estava com 9 meses, com a cara e a coragem vim tentar a vida em São Paulo, no interior, vim direto pra Motuca que era um pequeno município de Araraquara. Fui morar em sítio, fiquei por 9 anos no município de Motuca, 10 no município de Rincão, e estou há 16 no assentamento Monte Alegre. Aqui consegui concluir a oitava série fazendo o Eja², participei da AMA³ por 11 anos, 10 na presidência, nesse período ganhamos o prêmio do consulado da mulher, tivemos nossa história em 2 livros na UFSCar⁴, ganhei a medalha de mulher agricultora do sindicato rural, selo da agricultura familiar, e há 2 anos o prêmio Fuvia Magrine, e esse ano a medalha de Aqui Tem Chef⁵.”(Entrevista com Jiseli,2021)

Concluiu sua fala demonstrando que mesmo diante de tantas dificuldades em sua vida, usou disso, para se fortalecer e não desistir, levando a sua vontade, junto ao talento na cozinha, a conquistar alguns prêmios e uma clientela fiel. Atualmente, Jiseli reside no assentamento Monte Alegre com o marido, ela abriu uma padaria em um container no próprio lote. A padaria conta com um cardápio com sucos naturais, onde a maioria das frutas são colhidas no próprio quintal, lanches, cujos ingredientes que os fazem ainda mais especiais e únicos, também são retirados do seu lote, além dos pães e bolos, que são comercializados nas feiras locais.

Todos os dias, ela organiza a sua produção de quintal, a qual é orgânica e permite que os ingredientes estejam sempre frescos para a produção que é destinada à comercialização, além de garantir a alimentação dela e do marido.

² EJA é a sigla de Educação de Jovens e Adultos, uma modalidade de ensino destinada ao público que não completou, abandonou ou não teve acesso à educação formal na idade apropriada. A EJA é popularmente conhecida como supletivo.

³ Associação Mulheres Agroecologia.

⁴ Universidade Federal de São Carlos – SP.

⁵ Aqui tem Chef é uma organização que contempla a gastronomia regional, promovendo festivais gastronômicos, e premiações, com o objetivo de valorizar o Chef de Cozinha e os empresários da gastronomia brasileira.

A Jiseli, através da sua padaria, colocou o seu lote na Rota dos Ciclistas⁶, um movimento que estimula o turismo rural e permite a ela, novos clientes e consumidores que passam em seu lote para se hidratar e garantir a energia para continuar o percurso de bicicleta. Esses ciclistas, ainda contam com um ambiente extremamente agradável, além da comida de qualidade.

Com relação à divisão de trabalho, Jiseli realiza sozinha a parte da produção dos pães e da padaria do lote, já o marido faz a limpeza do quintal diariamente, cuida do curral e acompanha a esposa em todas as feiras, ajudando na montagem da barraca e no transporte, já que a Jiseli não tem habilitação.

Em uma caminhada realizada para conhecer o lote, foi possível observar o quão arborizado é o local, garantindo muitas sombras, o que torna ainda mais agradável essa experiência. Uma das falas feitas pelo casal, diz respeito ao agravante efeito que o aumento das monoculturas e conseqüentemente o desmatamento das áreas de preservação tem afetado diretamente os animais que tendem a buscar os seus próprios alimentos nesses quintais produtivos. Os pés de mamão que se encontravam carregados, servem agora, de alimento para os Tucanos e pássaros, antes mesmo de tornarem-se maduros e prontos para a colheita.

Uma das preocupações do casal a respeito do quintal, foi o plantio de mudas nativas. Eles demonstraram o conhecimento adquirido através de uma das falas do marido: *“Essa espécie se chama Guapuruvu (apontou para a árvore mais alta), ela é muito utilizada pelos índios para a confecção de canoas, por ter o tronco bem alto e reto. Ela é uma das árvores com crescimento mais rápido que existe. Esse pé tem apenas 3 anos e já é a maior árvore daqui”*.

⁶ A Rota dos Ciclistas é um movimento popular, impulsionado durante a pandemia do COVID-19, que contempla diversos ciclistas da região de Araraquara-SP e tem como destino o Assentamento Mote Alegre e alguns pontos específicos, como o lote da Jiseli, incentivando o turismo rural.

Figura 9 - Respetivamente, os Mamoeiros e a árvore nativa Guapuruvu.



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Jiseli também mostrou o pé de Ora-Pro-Nóbis, um dos ingredientes principais para o pão mais famoso do cardápio. Comentou sobre o alto índice proteico que a planta possui, sendo muito procurado por vegetarianos.

Antes de montar a sua própria padaria, Jiseli foi uma das fundadoras da Padoka⁷, onde realizava desde a confecção dos alimentos, até a comercialização em feiras. Ela tem um perfil de empreendedora, sempre buscou inovar no cardápio, testando novas receitas para atrair diferentes clientes. Com isso, as companheiras de trabalho que acreditavam na venda e saída apenas de produtos mais clássicos, foi um dos principais motivos que fez Jiseli arriscar e começar um novo negócio sozinha. Recebeu o apoio do marido que a fortaleceu durante o processo que fez dela hoje, uma das principais figuras das feiras em que frequenta.

Um dos motivos que a faz atingir uma freguesia fiel, é que além da simpatia e do carisma de sempre, o fato de trabalhar com a maioria dos produtos do seu próprio quintal, garante alimentos mais saudáveis, livres de agrotóxicos e muito saborosos. Ela ainda convida os clientes das feiras para uma visita em seu lote, dando a oportunidade de constatarem essa informação pessoalmente, promovendo toda a confiança em seu trabalho.

⁷ É uma padaria que é ponto turístico no assentamento Monte Alegre, idealizada por mulheres e também está inserida na Rota dos Ciclistas.

Figura 10 - Jiseli explicando sobre as árvores do SAF



Fonte: Acervo da autora, 2022.

A figura 10 retrata o momento em que a Jiseli aponta para as espécies que compõe o SAF presente no quintal produtivo ao lado da Larissa (membra do Nupedor), durante uma visita ao lote promovida pela Feira da Roça para a Mesa. Realizou-se uma caminhada com o objetivo de mostrar a origem dos alimentos que se tornam os produtos deliciosos da Ji, ela contou que o SAF foi uma idealização dela e do marido e anos depois ver que conseguiram o objetivo, é motivo de orgulho para os dois.

O carisma e a receptividade dela é sempre presente e chama a atenção. Em suas palavras: “Quando você trabalha com aquilo que você gosta e faz com amor, tudo só tem a dar certo”, essa fala é de uma sensibilidade que ela demonstra na prática. Além disso, o lema da Ji, é trabalhar com uma alimentação mais saudável: “descascar mais e desembalar menos”. Ela procura usar a maior parte do que tem no sítio, e quando não tem, ela busca nos sítios vizinhos. Pensa que o privilégio

3.4. Léa, Assentamento Monte Alegre – Araraquara, SP: O empreendedorismo expresso no caderno dos sonhos

Léa tem 39 anos e é natural de Minas Gerais, conheceu o seu marido Natanael, há 12 anos que sempre morou com a família no Assentamento Monte Alegre. Por um tempo, realizou viagens de idas e vindas, até que em um momento, o marido conseguiu um lote para o casal e assim ela decidiu se mudar e começar uma nova jornada junto dele. Desde que conseguiram esse lote, o casal passou a investir tudo o que tinham, buscando também uma melhor qualidade de vida para os filhos, dois meninos de 5 e 7 anos.

Logo na primeira conversa, Léa contou sobre uma forte vontade em transformar sua casa numa espécie de hospedaria, de forma que pudesse oferecer almoço e refeições. Para isso, é necessário algumas modificações e reformas, que estão no planejamento, num “caderninho dos sonhos”, como disse. De fato, em poucas palavras de uma conversa, é possível notar o empreendedorismo e a iniciativa por parte dela.

Conforme seus gostos, “de tudo um pouco”, ela realiza diversos cursos, acreditando que todos agregam e podem contribuir em algum momento. Fez curso de artesanato, apicultura, paisagismo, produção de tomates, empreendedorismo, e até de hidroponia. Disse já ter toda instalação necessária no lote para a horta hidropônica, fizeram o investimento e até então, ainda não começaram a utilizar. Ela também comentou sobre inúmeros cursos que são oferecidos e um dos que estava realizando, chamado Delas Rural. Expressou uma opinião: *“Totalmente online, de uma semana, fala de tudo um pouco! Mas, é tudo muito rápido, e não dá para se aprofundar em nada!”*. Ela disse que tem certa dificuldade de focar em uma única coisa, pois acredita que: *“A natureza é uma coisa só, uma depende da outra”*.

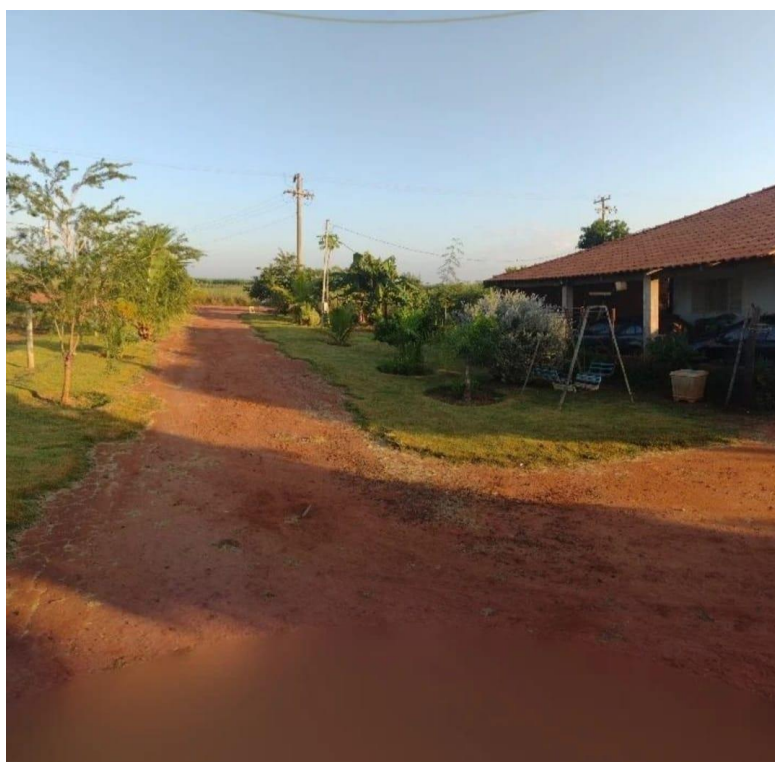
Léa passa boas horas do dia cuidando do seu quintal. Depois de um certo tempo e algumas tentativas mal sucedidas, hoje, aprendeu a cuidar de todos os tipos de plantas. O amor por paisagismo começou logo no início em que se mudaram para o lote, após ganhar as primeiras mudas de seus vizinhos. Vendo a diferença que essas plantas poderiam fazer, embelezando a sua casa, o interesse aumentou.

O jardim merece um destaque a parte. Léa disse ter desenhado em sua cabeça cada espécie de planta que ganhou e comprou, já projetando no futuro, como ficariam os pés adultos. Isso tornou o local bastante harmônico e preenchido pelo colorido das flores. Via-se muitas variedades de Dracenas, Leucofilos, Alamandas, Moreias, Roseiras, Palmeiras e Ipês. Além disso, comentou sobre fazer muito uso das ervas medicinais, em seu quintal é possível encontrar: Hortelã, Capim Cidreira, Alecrim, Manjericão, Citronela e Boldo. Muitas mudas foram doações, ela visa as necessidades dos filhos preparando chás alternados com essas ervas diariamente: *“Prefiro já prevenir os problemas com esses chás, do que ter de dar remédio.*

Graças a Deus eles quase nunca ficam doentes!”. No dia da visita, ela ofereceu um delicioso e refrescante chá de Capim Cidreira com limão.

Ao fundo da casa, há um pomar com muitas variedades, dentre elas: Banana, Pitaya, Mamão, Manga, Goiaba, Abacate, Acerola, Limão Siciliano, Limão Cravo, Limão Taiti, Laranja, Caja Manga e Jaboticaba. Fora do local de pomar, ela ainda cultiva algumas hortaliças e leguminosas que são destinados exclusivamente para o consumo da família, uma boa quantidade de mandioca e pepino.

Figura 11 - Entrada do lote da Léa, perspectiva do quintal e jardim.



Fonte: Acervo da autora, 2022.

A figura 11 foi registrada após a caminhada realizada para conhecer todo o quintal produtivo no lote da Léa, voltando para a área da frente, a passarela de entrada chama a atenção por seu paisagismo que se destacava ainda mais diante dos raios solares do fim de tarde.

No lote todo ao redor foi plantado a Soja e um pequeno pedaço de Cana – utilizada para o consumo da família – uma área com milho, destinada à ração das galinhas e já na agrovila, há uma parcela de Eucalipto, plantado no começo de 2021.

Léa cultiva galinhas também para o autoconsumo, garantindo a proteína da carne e os ovos e no chiqueiro, encontram-se 4 porcos. Ela também investiu na apicultura após ter

realizado o curso, atualmente tem 12 enxames de abelhas, comercializando o mel em feiras locais. Compartilhou essa experiência:

“Esse ano (2023) eu vou duplicar as colmeias que eu tenho que são 12 enxames mais ou menos. Uma amiga minha quis um pouco de mel aí eu tirei antes 5 quadrinhos, porque ela queria com favo, aí com favo tinha acabado né. Então tirei antes pra ela mesmo, porque na verdade eu vou colher só em fevereiro né. Em fevereiro tem a safrinha e aí depois da primeira aí que a gente faz a safra grande que é outubro até dezembro. Ai como no verão já chove muito e esse ano (2023) está chovendo mais que o normal, então na chuva elas não saem pra campear, aí não colhe muito. Mas as vezes fora de época tem uns pomares que acaba florindo e aí dá pra colher fora de época um pouco também”. (Entrevista com Léa, 2021)

Figura 12 - Embalagem com o mel produzido pela Léa



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Em relação a uma fala da Léa que mostra o tamanho do impacto da cana nas áreas tanto ao redor do assentamento como dentro, é o uso do veneno. Ela disse quando está na época de jogar veneno na cana, além do perigo, de jogar em tudo, nunca havia visto uma invasão de lagartas gigantes na vida dela antes como aconteceu em sua casa, recentemente. E disse que eram tantas e tão grandes que acabaram com tudo.

A Léa demonstra-se interessada na produção de base agroecológica e já aderiu o hábito de composteiras e adubos orgânicos na área de consumo da família e no jardim. Mas diante desses problemas que enfrenta devido à monocultura – inclusive é bem próxima da residência

– e ciente do veneno que invade até mesmo o lençol freático, ela disse que acaba sendo uma ilusão acreditar que consome um alimento orgânico diante dessas circunstâncias.

3.5. D. Maria Rezadeira, Assentamento Bela Vista do Chibarro – Araraquara, SP: pioneirismo e autonomia em sintonia

Maria Rezadeira como é popularmente conhecida, na verdade recebe em seu registro o nome de Maria Rodrigues da Costa. Aos seus 78 anos, é agricultora e residente no Bela Vista do Chibarro, há mais de 30 anos. Desde menina, com seus 13 anos de idade, começou a trabalhar ajudando a mãe na produção de farinha de mandioca. Se casou com 16 anos e aos 17, teve a primeira de seus nove filhos. Apenas três filhos residem no assentamento, sendo Sebastião que passou pela seleção e tornou-se beneficiário também no Bela Vista, Francisca que não possui lote, mas reside no mesmo assentamento e Gilmar, que atualmente mora com a sua esposa e filha na metade do lote da D. Maria Rezadeira. O lote de 16 hectares foi dividido entre Gilmar e D. Maria Rezadeira, mas ambos realizam a produção em conjunto.

Explicou que sendo hoje viúva, ainda pode ser difícil a vida de agricultora, mas que naquela época, com um marido trinta anos mais velho, era pior, já que o mesmo oprimia a sua opinião e a participação nas decisões do lote. Gilmar é o atual responsável pelas negociações da produção familiar, mas tudo recebe a supervisão e aval da Dona Maria, garantindo atualmente a sua autonomia e liberdade.

Com os 8 hectares, D. Maria Rezadeira diversificou a produção, incluindo diversas espécies frutíferas, uma pequena horta, Eucalipto e a Cana-de-açúcar que é destinada ao trato da criação de gado, galinhas caipiras e suínos. A todo momento em sua fala há uma notável relação de gratidão com a terra e por nela permitir o cultivo, também a obtenção de temperos e ervas medicinais, as quais, são diariamente utilizadas por ela. Fez questão de mostrar o quintal e o local de cada planta, explicando o seu nome, a sua função e o seu benefício.

Além disso, ela também enfatiza a importância do cultivo livre de veneno, mesmo que nunca tenha realizado um curso sobre a agroecologia, demonstra um bom conhecimento adquirido por suas próprias vivências, onde explicou que o uso de herbicidas na lavoura acarretou sérios problemas na produção do feijão. Hoje, ela aproveita os recursos do próprio lote para combater pragas e doenças, evitando assim o uso de agrotóxicos e insumos externos.

Atualmente a sua principal fonte de renda é a aposentadoria, sendo a produção do lote um complemento e, principalmente, servindo para autoconsumo. Os produtos também acabam sendo comercializados no lote, que segundo ela, existe bastante procura pelas frutas. Inclusive no dia da visita, um senhor com seu neto havia ido comprar Mangas. Dona Maria muito

orgulhosa, contou que preza por adubar cada pé de fruta, diz que todo esse cuidado é retribuído com frutas saborosas e bonitas, fazendo os seus vizinhos e pessoas do assentamento a procurarem para comprar. De modo geral, o valor oferecido pelas caixas de frutas é muito inferior ao preço encontrado no mercado.

O que também impressiona em sua história, é a idade avançada e o esforço que muito lhe exige para a manutenção da produção do lote, mesmo que receba a participação e ajuda dos filhos, em diversas de suas falas demonstram que aos 78 anos, D. Maria Rezadeira cozinha, limpa a casa, as folhas do quintal, cuida do galinheiro e das frutíferas próximas. No dia da visita, ela havia acabado de chegar no lote e contou que fez um longo percurso a pé, mesmo não transparecendo o cansaço, tendo em vista que a sua rua é bastante íngreme, remete o pensamento de que guarda dentro de si, uma força e disposição que são admiráveis.

Durante a entrevista com D. Maria Rezadeira pudemos verificar muitos pontos importantes como a valorização do trabalho da mulher agricultora a partir do orgulho que ela apresenta de sua profissão e de sua trajetória no meio rural, como também a produção de quintal e os conhecimentos tradicionais relacionados aos sistemas agroecológicos, considerando todas as práticas realizadas por ela nos seus espaços produtivos.

Figura 13 – Maria Rezadeira mostrando o seu pé de Ora-Pro-Nóbis



Fonte: Acervo da Autora, 2021.

Enquanto demonstrava as espécies presentes no quintal, D. Maria Rezadeira abriu um sorriso largo para falar sobre a Ora-pro-Nóbis, uma das plantas que remetem memórias afetivas de sua infância. O registro espontâneo, tornou-se especial diante do momento.

3.6. D. Zulmira, Assentamento Bela Vista do Chibarro – Araraquara, SP: liderança consagrada e visão de futuro

Dona Zulmira é assentada há 32 anos, juntamente de seu marido, Joaquim. Nasceu na cidade de Aguaí, onde seus pais viveram também como agricultores. Ela teve quatro filhos, e apenas Alexandre, vive junto no lote com a sua esposa. O irmão de Joaquim, Damião, também reside com a família, onde após um AVC, necessitou de cuidados que são garantidos por Zulmira e a nora.

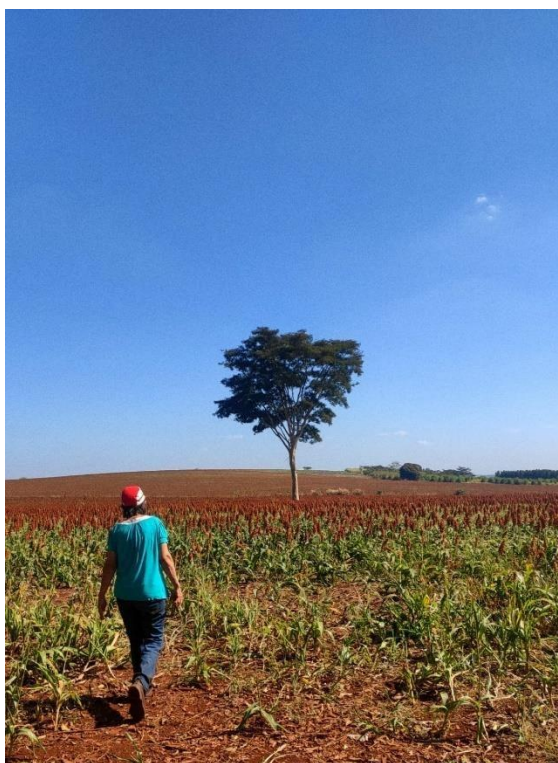
Permaneceram acampados em Promissão de 1987 a 1990, de onde vieram para o Bela Vista junto a outras 28 famílias. Contou sobre não ter sido algo programado, onde em um dia normal de colheita de berinjelas, os vizinhos do sítio que estavam os abordaram e pediram carona ao Seu Joaquim para que o levassem até Campinas, avisando sobre a oportunidade de ter uma terra de reforma agrária. Com o convite, ambos ficaram desacreditados devido a outras tentativas mal sucedidas. Zulmira conta que olhou para o marido e falou: *“Pode ir, vamos aventurar!”*. Decidiu que era hora de terem a própria casa para morar, de preferência uma terra, expressando o amor enraizado pela vida de agricultora. Em novembro de 1987, Joaquim foi a duas reuniões, onde na terceira disse para Zulmira que teria de acampar. Ela então contou a sua reação:

“Eu falei, pode ir, e eu fico com as crianças colhendo berinjela e tomate. Mas eles nem sabiam para onde iriam. Isso é uma luta do MST, eu entrei na terra pelo MST, que tinha essa organização. Antes ainda havia uma briga por região entre a FERAESP, A FETAESP e o MST, e aqui em Araraquara era o Hélio Neves, quando a gente não conseguiu entrar aqui então fomos para Promissão. Aí juntaram as famílias que não dava mais para segurar o pessoal e foram para essa Fazenda Reunidas, em Promissão, na BR-153. Depois o INCRA fez o acordo de cada desapropriação, 20% das nossas famílias seriam assentadas, e numa dessas nós conseguimos vir pra cá. Se eu contar em detalhes a gente fica o dia todo, mas são histórias gostosas... sofridas, mas gostosas, com final positivo. No fundo vale a pena lutar.” (Entrevista com Zulmira, 2021)

Zulmira já bastante emocionada com as memórias que vieram à tona, contou que ao chegar no Bela Vista, a casa que ela entrou estava só o esqueleto. Logo em seguida, foram demarcar os lotes e disse nem se preocupar com a distância, o que importava mesmo era a presença de água. No fundo do lote havia uma represinha e assim poderiam desenvolver muito melhor o trabalho. Foi em 2011 que construíram a casa que hoje residem, fizeram antes, três barracos. Onde a água chegasse, eles paravam. Até que tempo depois, construíram um poço cacimba, permitindo que ficassem mais perto da estrada. Em tom de empolgação, desabafou:

“Porque meu sonho era ter poço artesiano, ver tudo eletrificado, escola, então cheguei sonhando mesmo. A terra boa a gente já tinha, então ficamos.

Figura 14 - Zulmira em meio à plantação de Sorgo no seu lote



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Acima, Zulmira caminhava em direção ao Sorgo após mostrar o quintal produtivo. A paisagem chamava a atenção pela imensidão da monocultura diante do horizonte, parei alguns segundos para observar e então resolvi registrar o momento em que ela se direcionou à única árvore sobrevivente. A imensidão azul do céu, contrastou com a imensidão do Sorgo, ocasionando uma cena de impacto aos olhos.

Com muito trabalho e dedicação, Zulmira disse que desde então, nunca mais passaram falta de algo, sempre tiveram a garantia do alimento e ainda conseguem fazer doações do excedente. *“A primeira vaca trocamos por 60 sacas de arroz. Plantamos 5 mil pés de café. Tínhamos muita fartura!”*.

Zulmira tem o ensino médio completo, Joaquim estudou apenas até a 4^a série do primário. Ela relatou sobre como é ser mulher agricultora, ter perfil de liderança e a visão dos homens, principalmente de alguns anos atrás e que até hoje permanece. Além de seus sonhos para o futuro do assentamento:

“Chegou o pessoal da Comissão Pastoral da Terra (CPT) pra me procurar. E eu comecei meu trabalho aí. Fui indo e comecei a sonhar com 29 mulheres. Os maridos “machões” não deixavam, né? O meu falava: reunião pra quê? Aí elas foram saindo e eu fui ficando sozinha porque nenhum marido queria e elas não resistiram. Eu bati e pé e permaneci porque eu não estava buscando só pra mim, era para todos. Porque aqui é o paraíso, e cada benfeitoria que pudesse trazer pra cá era um ganho a mais. A grande preocupação minha sempre foi segurar os jovens na terra. Não adianta só eu sonhar, hoje eu estou com 67 anos, e os jovens, como ficam? Tem que fazer alguma coisa de lazer, produção voltada para eles. Mesmo que eles vão estudar lá fora, mas que busquem conhecimento para voltar para a terra. Porque é uma herança que a gente vai deixar pra eles. Eu não podia para ali. Eu já sabia o suficiente para eu produzir, mas os meus filhos não sabem e precisam aprender. Eles precisam valorizar o lugar onde eles estão morando e a riqueza que isso aqui tem, da terra, da localização, das benfeitorias que isso aqui tem. Eu sempre falei para meus filhos que vou deixar um legado que nenhum ladrão vai tirar, são os maiores projetos que vão beneficiar várias gerações que é a eletrificação, os poços artesianos, o posto de saúde, a escola, estruturada!”(Entrevista com Zulmira, 2021)

Ainda com relação à questão de gênero no assentamento, Zulmira contou já ter sofrido muito preconceito por ser mulher e principalmente por assumir um lugar de luta pelos direitos da mulher e da comunidade. Concluiu com uma fala expressiva: *“Pra eles lugar de mulher é em casa, mulher não tem que ficar enfiando a cara onde não é para mulher. Não tive dificuldade para me comunicar com a comunidade e nem com o poder público. Não digo a agressão física, mas a verbal sim. Sempre teve muita violência”.* (Entrevista com Zulmira, 2021).

Ainda muito notável é a repressão vivenciada por ela, pois enquanto estava contando esses assuntos ditos delicados, o marido entrou no ambiente e sentou-se bem próximo, ligando a TV e o rádio, demonstrando estar incomodado com aquela situação. Neste momento D. Zulmira abaixou a voz e continuou com a história e em alguns pontos ela apenas fazia um sinal que indicava sobre quem estava falando. Zulmira demonstrava querer falar mais sobre a situação que vivia, mas era nítido não ter espaço nem liberdade para isso. Ela demonstrava com o olhar como era silenciada dentro de casa.

Disse já em voz alta, sobre nunca ter deixado de produzir no lote e por este motivo, não era possível ser somente dona de casa, com isso, disse nem sempre se encontrar em dia com relação à organização, mas de certa forma, não deixa de fazer o necessário. Inclusive, a manutenção do quintal é ela quem faz. Recebe ajuda dos meninos vez ou outra, mas na maior

parte, diz resolver sozinha e até mais rápido. A criação de galinhas também está crescendo e ela pretende construir um galinheiro. Zulmira, enfatizou: *“Nunca teve divisão das tarefas domésticas. As minhas crianças desde pequenas sempre me ajudaram, mas o marido nunca participou. Minhas meninas desde muito cedo sempre ensinei a fazer as coisas da casa, mas nunca tive ajuda da parte dele.”*

Ainda sobre o quintal, disse possuir o necessário para o consumo da família, mas que almeja melhorar com uma área de horta:

“Meu filho cortou o pé de jaca pra gente fazer a horta. Quero um canteiro de cebola, temperos. Eu tinha uma horta pequena, mas a gente foi plantando os pés de banana, de manga, e foi tomando conta do espaço da horta. A gente usa bastante as ervas e os chás. Mas eu quero reorganizar esse espaço, pelo menos pra consumo. A mandioca a gente sempre tem. O consumo aqui em casa é grande. Café até pouco tempo era só o produzido aqui. Frango a gente sempre tem também, não tem gasto com essas coisas. Quando a gente chegou aqui não tinha nada de árvores, era só capim colonião.” (Entrevista com Zulmira, 2021)

O lote possui algumas espécies nativas e frutíferas principalmente ao redor da casa, proporcionando sombra. O restante é todo preenchido pelo Sorgo, uma quantidade que chega a parecer um mar, daqueles horizontes que até aonde os olhos enxergam, só veem a mesma coisa.

No final da caminhada, já voltando para a sombra das árvores e uma paisagem mais reconfortante, D. Zulmira disse uma frase que tocou o coração e deixa bons aprendizados e inspirações para a vida de qualquer jovem que está apenas no início de uma jornada, em suas palavras: *“E valeu a pena ver o resultado da luta da gente. Com tudo que passei não foram só rosas que colhi não, colhi muitos espinhos também, mas essa parte dos espinhos eu deixo pra lá”*.

3.7. D. Maria, Assentamento Bela Vista do Chibarro – Araraquara, SP: as pimentas na sua produção diversificada e solitária

Dona Maria, tem 66 anos e como ela mesma diz, é a dona das pimentas. Reside no assentamento Bela Vista há mais de 20 anos. Atualmente vive sozinha no lote, recebe ajuda e visita dos filhos e da irmã praticamente uma vez por mês.

Ela nasceu em Ouro Verde, sua família era toda da roça. Morou uma época na cidade, mas logo voltou para a roça de novo. No Bela Vista, ficou um tempo e em seguida precisou ir

para Campinas-SP realizar um tratamento de saúde, ela lida com esquizofrenia desde jovem. Quando melhorou, o pai se acidentou e então veio cuidar dele. Somente com a companhia e cuidados de D. Maria, o pai resolveu deixar o lote para ela já que resto da família estava todo empregado e não quiseram abdicar de suas garantias, com isso, D. Maria ficou.

Contou a história de seu nascimento, dizendo que sua mãe quase deu à luz na roça, ela tinha ido ajudar o marido e já estava grávida de 6 meses. Começou uma forte chuva onde correram para de baixo de uma árvore e fizeram uma proteção com casca de peroba. Dona Maria continuou:

“Saíram da chuvarada e vieram embora, eu nasci e depois de 3 dias me batizaram porque acharam que eu não ia sobreviver por ser prematura. Meu pai fazia dormente para a linha de trem e minha mãe tocava a roça, aí ele trabalhava na roça no resto do tempo, onde o meu pai roçava e minha mãe colocava fogo e todos ajudavam a plantar, inclusive eu, com facão ajudava. Quando eu tinha 8 anos, eles tiveram plantação de algodão, eu amarrava saco de batata na cintura e ia ajudar a colher”. (Entrevista com D. Maria, 2021)

Quando ela tinha 15 anos, sua família foi morar no Paraguai. Lá, trabalharam e após um tempo conseguiram comprar um sítio. Ainda no Paraguai, cinco anos depois, conheceu o pai dos seus filhos, ele era um militar. Ela então contou sobre uma fase difícil da sua vida:

“Eu fui meia casada. Eu fugi com o pai dos meus filhos quando eu tinha meus 22 anos. Fiquei com ele uns 6 anos e meio, mas ele judiava muito de mim, batia e batia, não queria casar na igreja. A gente ficava fazendo filhos, mas na hora de batizar, nada. Naquela época era difícil porque se não fosse casado na igreja não batizava, aí eu em pecado não comungava, aí eu peguei e catei meus filhos e vim embora e nunca mais quis arrumar mais ninguém. Eu tive 3 filhos com ele e dois abortos por causa de espancamento, senão eu teria 5 filhos. Mas depois disso a vida ficou difícil, porque nos brigávamos muito, e eu apanhava muito, depois disso eu resolvi fugir com meus filhos de volta para a casa dos meus pais”. (Entrevista com D. Maria, 2021)

D. Maria diz não ter tido mais vontade de casar e conhecer outra pessoa. Criou os filhos e então resolveu voltar para a vida na roça, cuidou do pai, e hoje cuida da sua terra. Ela ainda tem muitos planos para melhorar o lote: *“Na agrofloresta eu quero plantar frutas, agora que tenho aposentaria, consigo ajuda de tratorista, aí tenho ajuda do meu sobrinho e do meu filho nesses dois alqueires, e no restante eu trabalho sozinha”.*

A sua produção de Pimentas também recebe expectativa de aumentar. Para isso, ela já possui um consumidor final – dono de um frigorífico – que compraria 50kg por semana, garantindo uma boa renda extra. D. Maria disse que tem todo um cuidado com suas Pimentas: “*Olha aqui a minha geladeira! Eu já mando limpinho pra ele, tiro todos os talinhos. Ainda não atingi essa produção que ele precisa, mas pretendo!*”, mostrou a sua geladeira praticamente toda vermelha das pimentas, já em saquinhos higienizados.

Figura 15 - Dona Maria em meio a sua plantação de Pimentas



Fonte: Acero da autora, 2022.

Dona Maria fez um convite especial em meio à caminhada pelo lote, oferecendo algumas de suas produções do quintal para a viagem. Pegou um balde, retratado na figura 15, agachou-se no chão esticando os braços para colher os Tomates Cereja. Em poucos minutos e com muita conversa durante o processo, o balde já se encontrava quase cheio, mas ainda faltavam produtos, segundo ela. Completou então com alguns Pimentões e Cebolinha. Voltando para a varanda da casa, colocou o balde ao lado de uma cesta que já transbordava Mangas, viscosas e perfumadas. E então disse: “*Vou pegar umas sacolas e vocês (Eu e Larissa, companheira de pesquisa no Nupedor) dividem para as duas*”. No momento surgiu uma expressão de espanto, pois era uma quantidade enorme de frutas e legumes e D. Maria fez questão que saíssemos de sua casa com o porta-malas cheio. Cheio dos produtos do seu lote, frutos do seu esforço diário, compartilhando sua experiência de vida e a sua comida.

A sua produção é bastante diversificada e destinada principalmente para o autoconsumo, comercializando apenas quando outros feirantes a procuram. No lote, encontram-se frutíferas como: Banana, Fruta do Conde, Graviola, Acerola, Uva, Manga, Lichia, Jatobá, Jaboticaba, Goiaba, Pitanga, Seriguela, Café, Ameixa veludinha, Abacate, Limão cravo, Limão taiti, Limão siciliano, Limão galego, Abacaxi e Embaúba. Alguns remédios naturais, dos quais, ela diz fazer usos quase que diários:

“Eu uso muito o boldo e a cidreira, pra qualquer coisa que to sentindo, eu faço o chá e uso esses remédios do quintal mesmo. Prefiro assim! De remédio eu tenho também a Canela, Cravo, e duas que eu nem sei o nome mas sei para o que serve e funcionam mesmo. Um remédio desses, nasceu até sozinho aqui. Nós morávamos em São Pedro e ai nasceu de um nada lá, a mulher foi falar que é bom pra dor de cabeça, e ai eu queria trazer muda pra ca, mas não consegui. Depois de uns 3 anos, nasceu aqui também, mas eu nem sei o nome. Nasceram sozinhos mas agora já tenho pra todo lado porque o vento leva a semente né.”

(Entrevista com D. Maria, 2021)

Em 2022 ela plantou soja no lugar da cana e procura fazer a rotação com o milho também. Quanto à mão de obra na área de monocultura, contrata uma pessoa para ajudá-la e conta com o trator da prefeitura, mas como são disponibilizados apenas 10 horas de trabalho, o restante é ele quem faz. No lote há também uma parcela de Eucalipto e Cedro.

CAPITULO IV: Croquis e etnobotânica na vitalidade dos quintais produtivos

4.1. Croquis dos lotes analisados

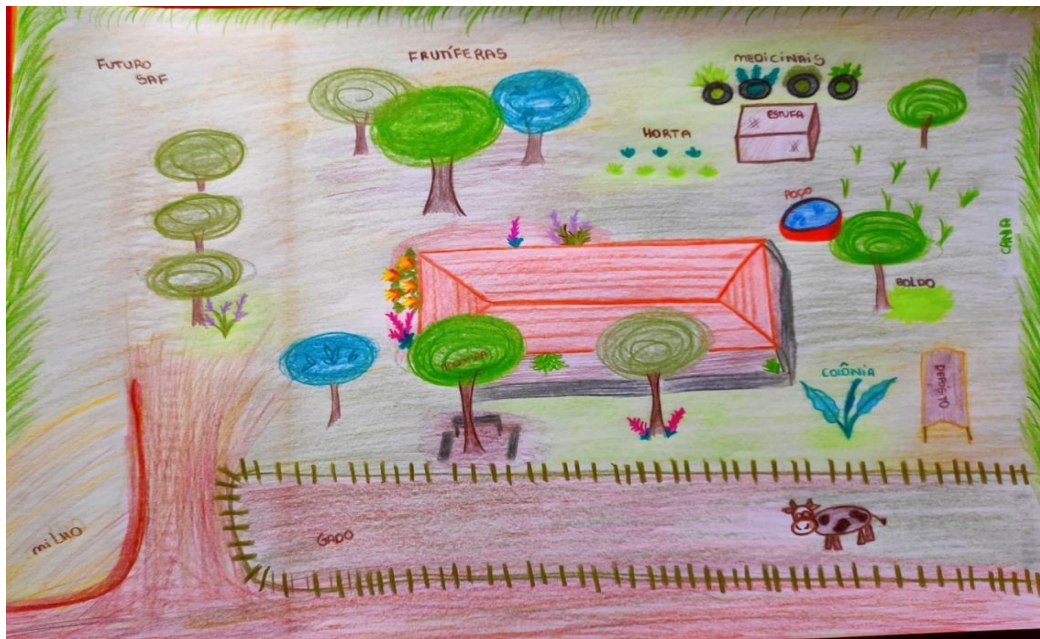
O uso de croquis, pode ser considerado uma técnica acessória ao diário de campo. É uma metodologia de uso bastante recorrente em pesquisas sobre modo de vida. Nesse sentido, a metodologia serve “Para descrever a organização do espaço interno dos lotes, empreendida pelos assentados, utilizamos o desenho de croquis, a fim de reproduzir esquematicamente os objetos construídos pelos assentados.” (TEIXEIRA e BARONE, 2014, p. 181).

A realização dos croquis como uma metodologia, permite a visualização das diferentes disposições e delimitações dos quintais produtivos, ou seja, torna possível realizar uma análise de como são feitas as divisões de espaço ao redor da casa. Normalmente, tem-se a área destinada à horta e ervas medicinais bem próximas, devido a sua utilização diária, e, também os fatores que influenciam e determinam essa disposição como a disponibilidade de água, a

distância da área de monocultura como forma de evitar a pulverização de venenos, entre outros.

A proposta da realização dos croquis foi baseada na ideia de estimular uma troca entre a pesquisa e a assentada, onde cada uma delas realizaria um desenho com um esquema simples replicando as áreas, plantas e estruturas que compõe o quintal, em uma cartolina durante a visita de campo. Isso permite uma réplica mais fiel possível, tendo em vista o fato de serem elas, as protagonistas dos seus quintais e conhecerem melhor do que qualquer pessoa, a sua composição. Infelizmente, apenas uma das sete entrevistadas, aceitou a proposta inicial e realizou o desenho sozinha. As outras mulheres, disseram não ter habilidades necessárias para a atividade e preferiram apenas mostrar o que deveria ser desenhado em cada local, mesmo expondo que o desenho poderia ser realizado da forma que sentissem confortáveis.

Figura 16 - Quintal da Elza



Fonte: Acervo da autora, 2022.

O lote da Elza apresenta apenas uma entrada, logo à direita há uma área de pasto, sem muitas árvores, apenas alguns eucaliptos ao fundo. Ao redor da casa estão presentes diversas espécies frutíferas e um jardim florido na varanda de entrada. Ao fundo há um poço artesiano, o depósito onde são guardados os maquinários e insumos utilizados na manutenção do quintal, próximo estão algumas espécies medicinais, como a Colônia e um volumoso canteiro de Boldo. Acima, há um caminho com citronelas plantado recentemente pela assentada, o qual, dá início a uma pequena horta que é destinada apenas para o autoconsumo e algumas plantas medicinais cultivadas em pneus. Mais à frente encontra-se um pomar e a região onde será constituído o futuro SAF. O contorno do lote é completamente preenchido pela cana, tornando evidente o contraste da biodiversidade de um quintal produtivo com uma área de monocultura.

Figura 17- Quintal Dona Jusefa



Fonte: Acervo da autora, 2022.

O lote da Dona Jusefa apresenta uma entrada que é totalmente fechada por uma cerca e um portão. A fachada é preenchida por muitas flores presentes no jardim e nos troncos das árvores, algumas cerâmicas coloridas que foram feitas de forma artesanal e um banco que permite contemplar toda a paisagem. Na varanda estavam algumas peneiras preenchidas pela pimenta-do-reino recém colhida que aguardava secar, assim como o carro que a D. Jusefa, muito orgulhosa, fez questão que estivesse sendo representado no desenho.

Ao fundo da casa está a estufa de Orquídeas e duas mesas com a coleção de Rosas-do-deserto. Ao lado, uma pequena cobertura que armazena o sistema de irrigação da hidroponia, logo depois há uma cerca que separa a área de plantio que é constituída por um pomar localizado do lado direito, ao meio a horta hidropônica e na esquerda três canteiros recém levantados para o plantio de leguminosas.

Ainda há a casa do filho que não consta no desenho, mas está localizada logo após a horta e os canteiros. As laterais do lote apresentam cercas levantadas pelos dois vizinhos aos fundos do lote da Jusefa, a cana.

Figura 18 – Quintal da Jiseli



Fonte: Acervo da autora, 2022.

O lote da Jiseli se localiza em uma esquina e, portanto, apresenta duas entradas possíveis. A mais utilizada é a entrada lateral que logo dá na padaria, feita de container e uma estrutura servindo de cobertura para as mesas. Ao lado estão os banheiros destinados aos clientes e uma pia. À frente da padaria, um jardim com flores espontâneas e PANCs, um balanço enfeitado com cabaças coloridas e uma área de plantio alternado de soja e milho que é destinada para a alimentação dos animais e as receitas da Jiseli.

Na lateral da casa encontram-se algumas espécies medicinais, muitas árvores nativas como o Guapuruvu e os temperos que também são utilizados nas receitas. As galinhas costumam ficar soltas, mas há um espaço destinado a elas atrás da residência, assim como, uma cerca que separa o curral com três porcos e uma vaca, junto de um pequeno SAF.

Os contornos deste lote também são tomados pela cana.

Figura 19 – Quintal da Maria Rezadeira

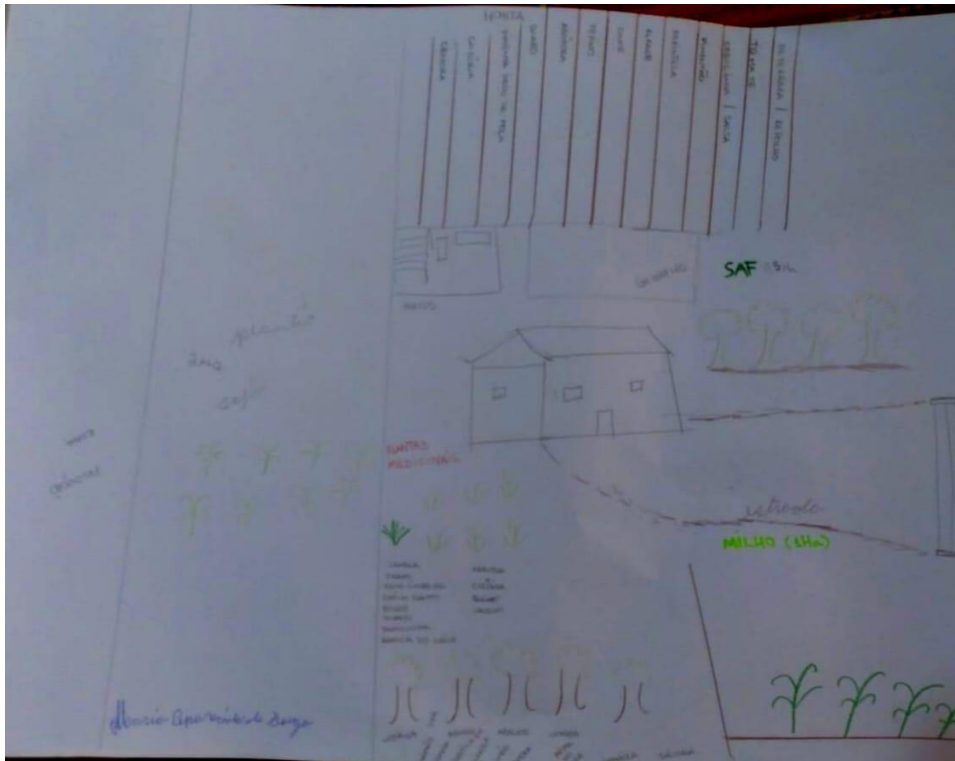


Fonte: Acervo da autora, 2022.

A única entrada do lote da Maria Rezadeira é fechada por uma cerca e um portão. Beirando essa cerca estão os pés de manga tipo Bourbon – espécie antiga e tradicional que apresenta pouquíssimos ou quase nenhum fiapo e é considerada extremamente saborosa – que muito carregadas de frutos estavam no dia da visita e exalam o perfume que atraem vizinhos e até mesmo possíveis consumidores. Ao lado há bananeiras, coqueiros e algumas frutíferas que compõem o pomar. A primeira casa é da D. Maria Rezadeira e logo atrás encontra-se a casa do filho.

Ao lado do pomar está um galinheiro, atrás o chiqueiro e logo ao fundo uma área de pasto com algumas cabeças de gado. No lado direito das casas há um jardim com roseiras, Manacá-da-Serra e algumas espécies de temperos. Em seguida encontra-se uma linha preenchida com limoeiros que fazem divisa com os 7 hectares de soja.

Figura 20 – Quintal da D. Maria



Fonte: Acervo da autora, 2022.

O croqui da D. Maria apesar de apresentar-se pouco nítido na figura 20, é bastante especial por ter sido o único realizado inteiramente pelas próprias mãos da assentada, fez questão que fosse assim.

O lote apresenta apenas uma entrada, sem cercas e sem portões. Ao lado direito há a área de SAF que está sendo restituída após a destruição de muitas mudas pelo tratorista. Do lado esquerdo, um hectare de milho. Acima, encontra-se a horta da irmã da D. Maria e logo à frente à casa em que reside sozinha.

Nos arredores da residência, encontra-se variedades de frutíferas espalhadas, ervas medicinais e temperos. Ao fundo da casa, está o galinheiro e um pequeno chiqueiro com dois porcos. Seguido do chiqueiro há uma horta destinada principalmente para o autoconsumo da D. Maria, que vende o excedente quando há oportunidade. Na horta há canteiro de Tomate Cereja, Cebolinha, Pimentão e os pés de Pimenta.

No restante do lote foi plantado soja.

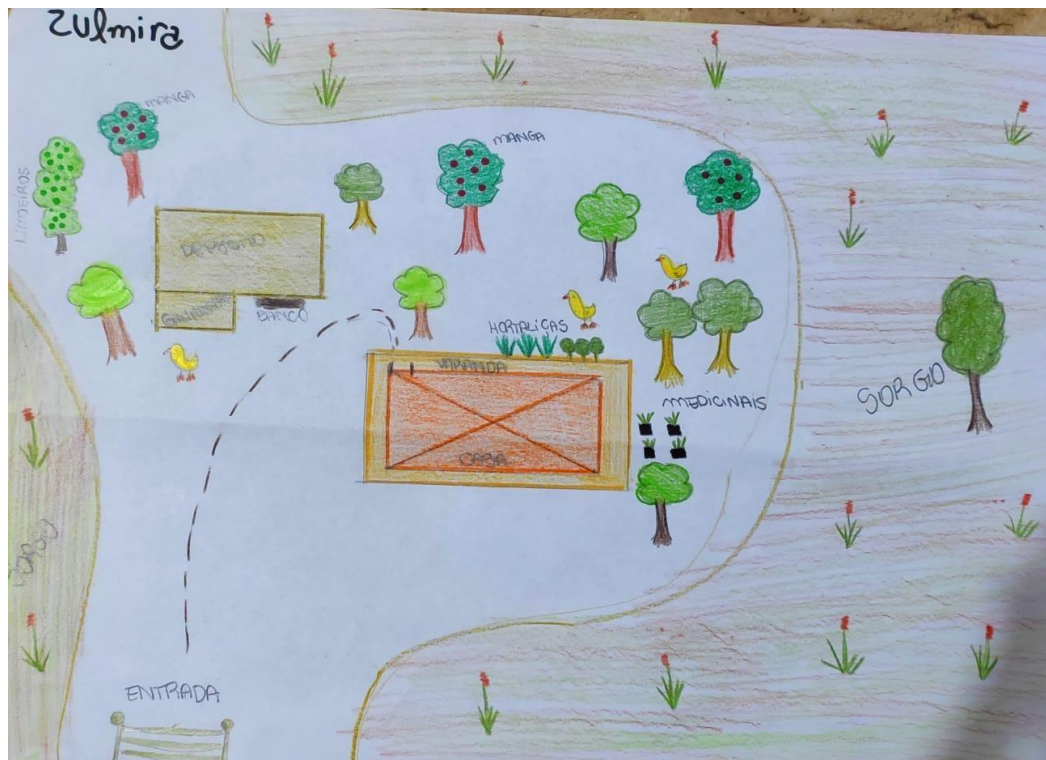
Figura 21 – Quintal da Léa



Fonte: Acervo da autora, 2022.

O lote da Léa apresenta uma única entrada e possui uma cerca na entrada, mas sem porteira. Na entrada há um caminho desenhado pelo jardim e bem próximo já se encontra a casa. A casa tem uma varanda grande e na lateral uma espécie de depósito que faz parte da estrutura e onde são armazenados máquinas de manutenção, as roupas e instrumentos utilizados na apicultura e ainda, o carro. Na parte de traz, encontra-se algumas espécies frutíferas espelhadas e mais ao fundo um pomar. Ao lado da casa há também um cercadinho para as galinhas e encostado dele o chiqueiro. A cerca é tomado pela planta que origina as Buchas. Ao redor do chiqueiro e galinheiro há bastante plantas e árvores, mais a frente começa as colmeias de abelha. O restante do lote é cercado pela monocultura

Figura 22 – Quintal da Zulmira



Fonte: Acervo da autora, 2022.

O lote da dona Zulmira também possui apenas uma entrada e é fechado com uma porteira. Logo na entrada não se vê muitas espécies de árvores como é de costume. Já é possível observar um mar de Sorgo contornando o quintal. Mais próximo à casa, começam as árvores que garantem uma boa sombra. A primeira estrutura de alvenaria é um depósito e dentro estavam alguns sacos de insumos e muitas abóboras, enormes por sinal. Ao lado direito, está a casa que é toda contornada por uma extensa varanda e permite que dentro seja arejado. Há algumas hortaliças encontradas na varanda dos fundos e espécies medicinais em vasinhos. Distanciando-se da casa as árvores vão diminuindo e o Sorgo já começa a invadir, até um momento que em quilômetros onde os olhos enxergam, apenas veem a mesma paisagem.

Analisa-se através dos croquis representados acima que em geral, todos os quintais apresentam a área de horta e a presença das ervas medicinais bem próximas à casa. O quintal, na maioria dos casos, é contornado pela monocultura, o que delimita e contrasta essa área que é produtiva e diversa.

Algumas mulheres se preocuparam com os espaços do quintal e criaram áreas de paisagismo, através de planejamentos sobre as espécies que foram e serão plantadas. Já outras,

cultivam o local, com objetivos diferentes, não havendo uma uniformização das espécies. Muitos fatores são determinantes para tornar cada um desses locais diferentes e únicos apesar de existir características que são comuns a todos.

4.2. Levantamento Etnobotânico: a expressão da diversidade dos quintais produtivos

Através de um levantamento das espécies vegetais presentes em todos os quintais, constatou-se uma ampla diversidade em frutíferas, ervas medicinais, aromáticas, temperos, PANC's e plantas ornamentais. Abaixo, está uma tabela constando respectivamente, todas as espécies encontradas com o nome conhecido pela assentada, o nome científico, sua classificação e a forma de uso com relação ao relatado em todas as entrevistas.

Quadro 1 - Espécies encontradas no quintais do Assentamentos.

Legenda: Q = quintais: (Q1) Elza; (Q2) Jusefa; (Q3) Jiseli; (Q4) Léa; (Q5) Maria Reezadeira; (Q6) Zulmira; (Q7) D. Maria

Família	Espécies	Nome popular	Classificação	Uso	Q 1	Q 2	Q 3	Q 4	Q 5	Q 6	Q 7
<i>Amaryllidaceae</i>	<i>Allium tuberosum</i>	Nirá	Erva aromática alimentícia	Tempero	X		X				
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i>	Manga	Planta frutífera	Alimentação	X	X	X	X	X	X	X
	<i>Spondias purpurea</i>	Seriguela	Planta frutífera	Alimentação	X	X	X			X	X
	<i>Anacardium occidentale</i>	Caju	Planta frutífera	Alimentação					X		X
	<i>Spondias dulcis</i>	Cajá manga	Planta frutífera	Alimentação				X			X
Annonaceae	<i>Annona muricata</i>	Graviola	Planta frutífera	Alimentação		X					X
Apiaceae	<i>Pimpinella anisum</i>	Erva doce	Erva aromática	Chás e receitas	X		X		X		
Apocynceae	<i>Allamanda cathartica</i>	Alamanda	Planta ornamental	Paisagismo	X		X				
	<i>Adenium sp.</i>	Rosa do Deserto	Planta ornamental	Paisagismo		X	X				
Asparagaceae	<i>Dracaena sp</i>	Dracena	Planta ornamental	Paisagismo	X			X			
<i>Asphodelaceae</i>	<i>Aloe vera</i>	Babosa	Erva medicinal	Usada como cicatrizante	X	X	X		X	X	X
<i>Araceae</i>	<i>Spathiphyllum wallisii</i>	Lírio da paz	Planta ornamental	Paisagismo	X	X	X		X		X
	<i>Xanthosoma sagittifolium</i>	Taioba	Hortaliça e Planta ornamental	Alimentação e Paisagismo	X				X		
	<i>Monstera deliciosa</i>	Costela de Adão	Planta ornamental	Paisagismo		X					
	<i>Anthurium sp</i>	Antúrio	Planta ornamental	Paisagismo		X	X	X			
	<i>Zamioculca zamiifolia</i>	Zamioculca	Planta ornamental	Paisagismo	X				X		
<i>Araliaceae</i>	<i>Polyscias fruticosa</i>	Árvore da Felicidade	Planta ornamental	Paisagismo	X	X					
Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i>	Coco anão	Planta frutífera	Alimentação			X	X	X		
<i>Asteraceae</i>	<i>Stevia rebaudiana</i>	Estévia	Erva medicinal	Adoçante natural	X						

	<i>Bidens alba</i>	Picão	Erva medicinal	Chás para expectorar	X	X						X
	<i>Cichorium intybus</i> <i>subsp. Intybus</i>	Almeirão	Erva alimentícia e medicinal	Alimentação	X				X			X
	<i>Sonchus oleraceus</i>	Serralha	Erva medicinal	Chás contra diarreia	X							X
<i>Begoniaceae</i>	<i>Begonia rex</i>	Begonia	Planta ornamental	Paisagismo		X						

<i>Bignoniaceae</i>	<i>Tabebuia avellanadae</i>	Ipê roxo	Planta ornamental	Paisagismo		X	X	X	X			
	<i>Handroanthus</i> sp	Ipê	Planta ornamental	Paisagismo		X	X	X	X			
<i>Bixaceae</i>	<i>Bixa orellana</i>	Urucum	Planta frutífera	Alimentação (Corantes) e paisagismo	X		X					
<i>Cactaceae</i>	<i>Pereskia aculeata</i>	Ora Pro Nóbis	Planta alimentícia e Erva medicinal	Preparo de receitas			X		X			
	<i>Opuntia ficus indica</i>	Palma	Planta ornamental e Erva medicinal	Paisagismo e alimentação			X					
<i>Caricaceae</i>	<i>Carica papaya</i>	Mamão	Planta frutífera	Alimentação	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>Clusiaceae</i>	<i>Clusia</i> sp.	Clusia	Planta ornamental	Paisagismo				X				X
<i>Chrysobalanaceae</i>	<i>Licania tomentosa</i>	Oiti	Planta ornamental	Paisagismo	X	X	X	X			X	
<i>Commelinaceae</i>	<i>Dichorisandra thyrsoiflora</i>	Tropoeraba azul	PANC e Planta ornamental	Paisagismo, saladas								X
<i>Costaceae</i>	<i>Costus spiralis</i>	Cana-de-Macaco	Planta ornamental e Erva medicinal	Paisagismo	X		X					
<i>Crassulaceae</i>	<i>Kalanchoe daigremontiana</i>	Aranto	Planta ornamental e Erva medicinal	Paisagismo								
	<i>Kalanchoe brasiliensis</i>	Saião	Erva medicinal	Chás para infecções respiratórias	X				X			
<i>Cucurbitaceae</i>	<i>Luffa aegyptiaca</i>	Bucha	Planta ornamental	Paisagismo e utilidades domésticas				X				
<i>Davalliaceae</i>	<i>Davallia fejeensis</i>	Renda portuguesa	Planta ornamental	Paisagismo		X						
<i>Dioscoriaceae</i>	<i>Dioscorea bulbifera</i>	Cará moela	Planta alimentícia	Alimentação	X							
<i>Fabaceae</i>	<i>Cajanus cajan</i>	Feijão guandú	Planta alimentícia	Alimentação	X		X		X	X	X	X
	<i>Schizolobium parahyba</i>	Guapuruvu	Planta nativa	Paisagismo			X				X	X
<i>Iridaceae</i>	<i>Dietes bicolor</i>	Moréia	Planta ornamental	Paisagismo	X			X				
<i>Lamiaceae</i>	<i>Lavandula</i> sp	Alfazema	Erva aromática e medicinal	Chás para ansiedade	X	X			X			
	<i>Salvia rosmarinus</i>	Alecrim	Erva aromática e medicinal	Chás e tempero	X	X	X	X	X	X	X	X
	<i>Melissa officinalis</i>	Erva cidreira ou Melissa	Erva aromática e medicinal	Chás para ansiedade	X	X		X	X	X	X	X
	<i>Thymus vulgaris</i>	Tomilho	Erva aromática	Temperos	X				X			
	<i>Mentha spicata</i>	Hortelã	Erva aromática e medicinal	Chás e temperos	X	X	X	X	X	X	X	X

	<i>Mentha pulegium</i>	Poejo	Erva aromática e medicinal	Chás para digestão e temperos	X						X
	<i>Salvia officinalis</i>	Sálvia	Erva aromática e medicinal	Antimicrobica e temperos	X				X		
	<i>Ocimum gratissimum</i>	Alfavaca cheirosa	Erva aromática e medicinal	Fortalece sistema imunológico e temperos	X						
	<i>Ocimum basilicum</i>	Manjeriço	Erva aromática e medicinal	Tempero	X		X	X	X	X	X
	<i>Mentha sp</i>	Menta	Erva aromática e medicinal	Preparo chás/sucos	X						
	<i>Origanum vulgare</i>	Orégano	Erva aromática	Tempero	X		X				X
	<i>Origanum majorana</i>	Manjerona	Erva aromática e medicinal	Temperos e chás					X		

Lauraceae	<i>Persea americana</i>	Abacate	Planta frutífera	Alimentação			X	X	X		X
	<i>Laurus nobilis</i>	Louro	Erva aromática e medicinal	Paisagismo e tempero medicinal		X				X	X
Malpighiaceae	<i>Malpighia emarginata</i>	Acerola	Planta frutífera	Alimentação	X		X	X	X	X	X
Melastomataceae	<i>Tibouchina mutabilis</i>	Manacá-da-Serra	Planta ornamental	Paisagismo		X			X		X
Meliaceae	<i>Melia azedarach</i>	Santa Bárbara	Erva medicinal	Chás da casca contra febre e urticária					X	X	
Monimiaceae	<i>Peumus boldus</i>	Boldo	Erva medicinal	Chá para digestão	X	X	X	X	X	X	X
Moraceae	<i>Ficus variegatus</i>	Ficus	Planta ornamental	Paisagismo	X				X		
	<i>Artocarpus heterophyllus</i>	Jaca mole	Planta frutífera	Alimentação	X	X	X		X	X	X
	<i>Morus alba</i>	Amora	Planta frutífera	Alimentação	X	X	X	X	X	X	X
Musaceae	<i>Musa sp</i>	Banana	Planta frutífera	Alimentação	X	X	X	X	X	X	X
Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i>	Pitanga	Planta frutífera	Alimentação		X	X		X	X	X
	<i>Psidium guajava</i>	Goiaba	Planta frutífera	Alimentação	X	X	X	X	X	X	X
	<i>Syzygium cumini</i>	Jambolão	Planta frutífera	Alimentação	X					X	
	<i>Eucalyptus sp</i>	Eucalipto	Planta madeira	Madeira e quebra-vento	X	X	X				X
	<i>Plinia cauliflora</i>	Jaboticaba	Planta frutífera	Alimentação	X	X	X	X	X	X	X
	<i>Callistemon sp</i>	Callistemon	Planta ornamental	Paisagismo				X			
Nyctaginaceae	<i>Bougainvillea glabra</i>	Primavera	Planta ornamental	Paisagismo	X	X	X		X		
Orchidaceae	<i>Orchidaceae</i>	Orquidea	Planta ornamental	Paisagismo		X	X				
Plantaginaceae	<i>Plantago major</i>	Tanchagem	Erva medicinal	Expectorante, anti-inflamatória	X	X					
Piperaceae	<i>Piper nigrum</i>	Pimenta do reino	Planta alimentícia	Alimentação (tempero)		X					

Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i>	Capim Santo	Erva aromática e medicinal	Sucos e chás para fadiga muscular e para digestão		X	X		X	X	X
	<i>Cymbopogon winterianus</i>	Citronela	Erva aromática	Repelente	X			X	X	X	X
Polypodiaceae	<i>Phlebodium decumanum</i>	Samambaia	Planta ornamental	Paisagismo			X	X	X		
Portulacaceae	<i>Portulaca oleracea</i>	Beldroega	Erva aromática e medicinal	Alimentação e chás	X						
Punicaceae	<i>Punica granatum</i>	Romã	Planta frutífera	Alimentação e crenças		X			X		X
Rhamnaceae	<i>Hovenia dulcis Thunb</i>	Uva japonesa	Planta frutífera	Alimentação	X						
Rosaceae	<i>Rosa canina</i>	Rosa	Planta ornamental	Paisagismo e banhos	X	X	X	X	X	X	X
Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i>	Arruda	Erva aromática e medicinal	Vermífugo, crenças	X	X	X		X	X	X
	<i>Citrus limon</i>	Limão (Cravo, Taiti, Siciliano e Galego)	Planta frutífera	Alimentação	X	X	X	X	X	X	X
	<i>Citrus aurantifolia</i>	Laranja Lima	Planta frutífera	Alimentação	X	X	X	X	X	X	X
Scrophulariaceae	<i>Leucophyllum frutescens</i>	Chuva de Prata	Planta ornamental	Paisagismo				X			
Solanaceae	<i>Capsicum sp.</i>	Pimenta	Planta alimentícia	Alimentação (tempero)	X						X
Verbenaceae	<i>Aloysia citrodora</i>	Limonete	Erva medicinal	Chás para ansiedade	X						
	<i>Duranta repens</i>	Pingo de ouro	Planta ornamental	Paisagismo	X	X					X
Zingiberaceae	<i>Alpinia zerumbet</i>	Colônia ou Levante	Erva medicinal e ornamental	Antiinflamatória	X						
Passifloraceae	<i>P. edulis</i>	Maracujá	Frutífera	Alimentação		X					
Cactaceae	<i>Hylocereus polyrhizus</i>	Pitaya	Frutífera	Alimentação				X			
Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i>	Abacaxi	Frutífera	Alimentação					X		X
Total Espécies					58	42	41	30	45	28	45

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Foram levantadas um total de 92 espécies vegetais, sendo 18 espécies de ervas aromáticas, dentre elas, 14 podem ser classificadas também como medicinais através de seus usos relatados nas entrevistas. Totalizando 29 espécies medicinais presentes em apenas 7 lotes analisados. Quanto às frutíferas, contabilizou-se 25 diferentes espécies, dentre elas, ainda há variedades não contabilizadas que foram “generalizadas” na tabela, como as espécies de limão, laranjas, mangas, entre outras. Com relação às plantas ornamentais, também apresentam características distintas que englobam paisagismo e podem ainda ser comestíveis, foram levantadas 30 espécies.

Alguns quintais apresentam mais diversidade do que outros. O quintal da Elza apresentou a maior diversidade, contabilizando-se 58 diferentes espécies vegetais. Em segundo lugar, com 45 espécies, os quintais da D. Maria Rezadeira e o da D. Maria. Em seguida, com 42 espécies, o quintal da Jusefa, e com 41 espécies, o quintal da Jiseli. O quintal da Léa apresentou 30 e o da Zulmira 28.

Além disso, muitas espécies aparecem de forma significativa em todos os quintais produtivos, como por exemplo, o Boldo, Hortelã e Alecrim. Com relação às Ornamentais, as variedades de rosas foram encontradas nos sete quintais, apresentando diferentes significados entre as mulheres. Algumas utilizam as flores em banhos, outras relacionam com memórias afetivas, sobre as mães, avós e parentes que cultivavam a espécie, e ainda, por questões de gosto, explorando o paisagismo com as flores coloridas. E as frutíferas, muitas espécies também estão presentes em unanimidade nos quintais analisados, sendo elas: Banana, Mamão, Goiaba, Laranja, Limão, Amora e Jaboticaba.

Foram relatados através dos diários de campo que a maior parte dessas espécies encontradas nos quintais, foram presentes de vizinhos, amigos e familiares. Algumas também apresentam características de serem espontâneas, como é o caso das PANC's.

Segundo Moser, que constatou a influência do tempo de residência no lote, na diversidade dos quintais produtivos, quanto maior o tempo, mais ricos em espécies os quintais tendem a tornar-se, implicando em uma questão histórica de como esses locais são essenciais e esclarecem como o indivíduo constrói uma identidade residencial, que influencia na sua percepção e avaliação de seu domicílio atual (MOSER, 1998). Já no caso desse estudo, não há essa configuração. Há diferenças na diversidade presente no lote, valorizada quando a presença das mulheres é constante e dedicada aos cuidados do quintal.

Zulmira, uma das mulheres que está há mais tempo como assentada, cerca de 32 anos, apresentou o quintal com menor diversidade entre os sete analisados. Já Elza, com apenas 7 anos vivendo no assentamento, teve o quintal com maior número de espécies levantadas. Nesses casos, o ponto principal que difere esses dois quintais é a presença da mulher no lote. Zulmira desde que chegou no assentamento, trabalhou fora do lote, com isso, o tempo hábil para dedicar-se no cultivo do quintal sempre foi escasso, mesmo que resida 25 a mais do que Elza. No caso da Elza, ela dedica a maior parte do seu tempo diário no quintal, e em sete anos, conquistou um local produtivo, extremamente rico e diversificado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quintais produtivos são dinâmicos, contribuindo para a qualidade de vida das pessoas que os cultivam. Neste presente trabalho, 7 quintais foram analisados e constatou-se que em todos é realizado o plantio de hortas destinadas para o autoconsumo. Em todos os lotes há criação de galinhas e em metade deles há a presença de suínos, bovinos e um caso de apicultura. Portanto, constata-se que, em todos os casos, os quintais produtivos contribuem para a Segurança Alimentar dessas famílias, tendo em vista que, os alimentos produzidos nesses ambientes são cultivados de forma orgânica, mantidos pela mão de obra familiar, o que estimula as práticas e culturas locais, a perpetuação dos conhecimentos tradicionais e uma grande quantidade além da variedade de alimentos. Considera-se ainda, o respeito com relação à sazonalidade das espécies, permitindo frutas e outros alimentos em todas as estações do ano.

É válido colocar que esses quintais contribuem com a Segurança Alimentar, na forma em que complementam a dieta alimentar das famílias, mas também, na maioria dos casos, há a necessidade de compra de mantimentos externos ao lote. Existem diversos enfrentamentos e dificuldades a serem considerados no modo de vida dos assentamentos. Tais fatores não anulam a importância do quintal produtivo, mesmo diante aos desafios e empecilhos da monocultura.

Além disso, notou-se que a presença da mulher nos quintais interfere na diversidade e qualidade desses locais. Mesmo que ainda protagonistas, algumas mulheres têm menos tempo hábil para dedicar-se nos cuidados, por exercerem um trabalho ou outras atividades fora do lote, implicando em um ambiente que assume uma biodiversidade menor do que àqueles cultivados por assentadas que trabalham e dedicam-se de maneira intensa ao quintal produtivo. Um caso que expressa essa relação foi o da Zulmira, que há muitos anos trabalha no Posto de Saúde, fato que determinou uma menor diversidade de espécies em seu quintal. Há lotes em que a renda familiar é complementada com a aposentadoria, como a D. Maria e Maria Rezadeira. E em outros, o homem traz a principal fonte de renda através do trabalho externo.

A relação das mulheres participantes deste estudo com os seus quintais é diversa. Jiseli, utiliza produtos do quintal como matéria prima para os pães e bolos que são destinados à comercialização e agregam na renda familiar. Léa, garante uma renda extra através da comercialização do mel, o qual possui um valor de mercado elevado. D. Maria e Maria Rezadeira cultivam o quintal para o autoconsumo, e comercializam o excedente quando há

procura. Jusefa depende da ajuda de outras pessoas para comercializar a produção de horta, no momento tem sido destinado para o próprio consumo, ocasionando determinado prejuízo devido à perda do excedente. Elza e Zulmira, são mulheres que não dependem de uma renda advinda do lote, portanto, não comercializam os produtos dos quintais, mas estes, garantem a soberania alimentar de suas famílias.

Além de contribuir com a Segurança Alimentar das famílias, o que já assume uma enorme importância para esses ambientes, podem ainda contribuir com a geração de renda da unidade familiar. Constatado pelas mulheres que retiram as matérias-primas que originam produtos de comercialização, ou mesmo a venda do excedente do quintal e ainda o fato de contribuírem com a diminuição dos gastos mensais em mercados.

O levantamento de 29 espécies de ervas medicinais, constata uma relevância expressiva às preferências das mulheres do estudo em utilizar remédios caseiros e naturais do que os industrializados comercializados em farmácias. Essas ervas são compartilhadas entre os familiares e vizinhos, dissipando os conhecimentos empíricos e adquirido pelas mulheres em prol da sociedade em que vivem. Quando há uma diversidade em ervas medicinais no lote, pode ser considerado que existe uma “farmácia viva” no local, pois a prevalência no uso de alternativas que são naturais e que auxiliam na luta e na prevenção de doenças, são comprovadas cientificamente e inclusive, adotadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), garantindo uma melhor qualidade de vida dessas pessoas.

Os quintais produtivos expressam resistência com relação às monoculturas, por serem extremamente ricos em diversidade, como pôde ser constatado através do levantamento de 92 espécies vegetais em apenas 7 lotes analisados. Enquanto grande parte da área desses lotes, mais da metade ou até mesmo a totalidade, são arrendados ou destinados ao cultivo da cana ou soja, o quintal produtivo, que recebe apenas a área ao redor da casa, consegue apresentar uma enorme variedade de espécies vegetais e animais.

Deste modo, os quintais nos assentamentos rurais são pequenos e poucos espaços quando comparados com os hectares do lote e conseqüentemente, da monocultura, mas permitem a expressão de autonomia e liberdade com relação à opção de escolha do que plantar e produzir, conforme os gostos pessoais e as memórias afetivas. É fato que eles não têm poder de enfrentamento ao agronegócio, mas expressam essa resistência através da permanência de uma tradição, simbolizam uma resistência humana, visto que pessoas se mantêm no campo, criam laços e raízes com a terra, vivendo uma vida mais saudável e

equilibrada. Os quintais permitem não haver uma vida de privação, e, ao mesmo tempo, reproduzem valores próprios da comunidade rural.

Esses espaços servem ainda de refúgio para os seres vivos que perdem a garantia do habitat e como consequência, há a diminuição do alimento disponível na natureza devido ao modo de cultivo em massa dessas monoculturas e o uso excessivo de venenos, o que gera desequilíbrio no meio ambiente. Como observado no lote da Jiseli, o aumento dos Tucanos que buscam se alimentar através das frutas disponíveis no quintal.

Em todos os casos analisados, as mulheres são protagonistas no cultivo dos quintais, exercendo os conhecimentos tradicionais constantemente em prol de uma melhor qualidade de vida que beneficia a si próprias e seus familiares, através da priorização de uma produção livre de veneno, da diversificação dos alimentos que permitem contribuir na dieta nutritiva. Nas transmissões dos saberes adquiridos que permeiam as novas gerações e consolidam a valorização do uso da terra e o papel das mulheres como figuras fundamentais para a manutenção da tradição dos quintais produtivos.

Foi constatada também a relevância do espaço do quintal como meio de socialização e trocas de experiências entre os membros de uma família, destinação de um tempo de qualidade que estreita os laços afetivos. Local que permite atender diversas necessidades humanas, sejam elas fisiológicas, sociais, de estima e auto realização. Expressão da identidade das assentadas, os quintais produtivos têm que ser valorizados nas análises sobre os modos de vida no campo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, C.N.; NETO, G.G. Os quintais como espaço de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém/PA. v. 3, n. 3, p. 329-341. 2008.

CAPORAL, F. R.; COSTABABER, J. A. **Agroecologia: uma ciência do campo e da complexidade**. Brasília, DF: 2009.

DEWES, O. J. Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos. UFRGS, Porto Alegre, 2013.

FERRANTE, V.L.S.B. A Aventura de Pesquisar Assentamentos de Trabalhadores Rurais. **Revista universidade e sociedade**, São Paulo, v. 2, n.4, p. 105-112, 1992.

FERRANTE, V.L.S.B. et al. Um retrato das regiões da pesquisa. **Retratos de Assentamentos**, v.15, n.1, 2012.

FERRANTE, V.L.S.B. Et al. **Construindo elos entre Agroecologia e Comunidades rurais: desafios da relação entre Ensino, Pesquisa e Extensão**. Araraquara: Universidade de Araraquara, 2018.

FERRANTE, V.L.S.B. **O presente e o futuro dos assentamentos rurais: dilemas e ressignificações**. Araraquara: Universidade de Araraquara, 2021.

FILIPAK, Alexandra. **Políticas Públicas para Mulheres Rurais no Brasil (2003- 2015): análise a partir da percepção de mulheres rurais e de movimentos sociais mistos**. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS (SEADE). Informações dos municípios paulistas. 2020. Disponível em: <http://www.imp.seade.gov.br/frontend/#/> Acesso em 07/08/2021.

GOMES, T. P. **DO SONHO À REALIDADE: um estudo da trajetória de mulheres assentadas na constituição agroecológica através do resgate de saberes tradicionais**. UNESP, Assis, 2018.

GOMES, T. P. O multiculturalismo, movimentos sociais e educação do campo. In: VII Jornada de Estudos em Assentamentos Rurais, 2015, Campinas. **Anais VII Jornada de Estudos em Assentamentos Rurais**, 2015.

GOMES, T. Saberes, Memórias e Tradição: Estudo em Assentamentos de Reforma Agrária de Araraquara-SP. In: XXVII Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Sociologia, 2011, Recife. **Anais do XXVII Congresso Internacional da Associação Latino Americana de Sociologia**, 2011.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável. Porto Alegre: UFRGS, 2000. 653p.

HEREDIA, B. M. A. **A Morada da Vida**: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HIRATA, H; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.

LEAL, Larissa et al. Quintais produtivos como espaços da agroecologia desenvolvidos por mulheres rurais. **Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 7, n. 14, p. 31-54, jan./jun. 2020.

LEAL, Larissa. **As mulheres na produção orgânica na região de Araraquara**: rompendo invisibilidades. Dissertação de mestrado, UNIARA, Araraquara, 2019.

LOPES, A. W. P. et al. Práticas e Estratégias em Diferentes modalidades de Assentamento Rural. **Retratos de Assentamentos**, v. 17, n. 2, p. 171-196, 2014.

LOPES, A. W. Et al. **Pesquisa-ação e construção de proposta agroecológica para a agricultura familiar da região central do estado de São Paulo**. (Relatório Técnico). Araraquara: Universidade de Araraquara, 2017.

MARQUES, F. C. Et al. As mulheres e as plantas medicinais: reflexões sobre o papel do cuidado e suas implicações. **Retratos de Assentamentos**, v.18, n.1, p.157, 2015.

MARQUES, G. S. Et al. Feminismo e agroecologia: aproximando campo e cidades. **Cadernos de Agroecologia**. ISSN 2236-7934. Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF, Vol. 13, N° 1, Julho, 2018.

MORAES, R. **Agrotóxicos no Brasil**: padrões de uso, política da regulação e prevenção da captura regulatória. Texto para discussão/Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília, 2019. Rio de Janeiro: Ipea, 1990. ISSN 1415-4765.

MOREIRA, S. L. S.; TELLES, L. Aproximações entre feminismo e agroecologia. **Cadernos de Agroecologia**. ISSN 2236-7934. Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe, v. 15, no 2, 2020.

MOSER, G. Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia**, n.3, v.1, 1998.

PAULILO, M. I. S. O peso do trabalho leve. Departamento de ciências sociais, UFSC. **Revista Ciência Hoje**, n° 28/1987.

PISTICELLI, Adriana. **Gênero**: a história de um conceito. Diferenças, igualdade. São Paulo, Berlendis & Vertecchia, 2009, pp. 116-148.

SEVILLA; GUZMÁN, E. Agroecología y desarrollo rural sustentable: una propuesta desde Latinoamérica. In: **Agroecología: El camino hacia una agricultura sustentable** (Sarandón S, ed.). Buenos Aires-LaPlata: Ediciones Científicas Americanas, pp. 57-81.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

STRATE, M. F., & Costa, S. M. da. Quintais produtivos: contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável das mulheres rurais no RS – Brasil. **Brazilian Journal of Development**, 4(7), 3732–3744, 2018.

TEIXEIRA, A. N.; BARONE, L. M. O lote através de croquis: análise do ordenamento territorial de um assentamento rural. **Retratos de assentamentos**, v.17, n.1, pag,181, 2014.

WANDERLEY, M. N. B. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, 21, outubro, 2003: 42-61.

WHITAKER, D. C. **Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes**. Presidente Venceslau: Editora Letras à Margem/CNPQ, 2002.

ANEXO A

Dados da entrevistada

- 1) Nome: _____
- 2) Idade: _____
- 3) Naturalidade: _____
- 4) Endereço de moradia: _____
- 5) Tempo de residência no assentamento: _____
- 6) Grau de escolarização(instrução): _____
- 7) Situação familiar: _____
- 8) 8) Tem conta em banco?
 - A) sim, individual.
 - B) sim, conjunta.
 - C) não, mas o marido tem.
 - D) não, nem o marido.
- 9) Quem administra a conta?

M () - h () - os dois ()
- 10) Sobre a propriedade: Quem administra?

M () – H () - os dois ()
- 11) Está em nome de quem?

M () – H () - os dois ()

ANEXO B

Roteiro para entrevista semiestruturada com as mulheres

- 1) Tempo de utilização de plantas medicinais: _____
- 2) Que tipo de planta utiliza: () Nativas () Cultivadas

- 3) Como aprendeu a utilizar as plantas como remédio: _____
- 4) Repassa seu conhecimento a outras pessoas: () Sim () Não
- 5) Como e para quem? () Vizinhos () Filhos () Amigos
- 6) Quem cuida do Quintal? _____
- 7) O que cultiva no lote? _____
- 8) Comercializa algo do quintal? _____

Quais são as fontes de renda da propriedade, por ordem de importância (1º, 2º, 3º..)

() Produção animal:

() Produção vegetal convencional:

() Produção Agroecológica:

() Outras: Aposentadoria, agroindústria

- 9) Sobre a propriedade: Como foi adquirida? Quantos ha?
- 10) Quantos destinados à produção agroecológica?
- 11) Quanto do seu tempo você dedica:
- Na gestão da propriedade –
- No cultivo –
- Na organização da casa –
- 12) Seu marido participa nos trabalhos da casa? () nunca () às vezes () com frequência 13) O que ele faz?
- 14) A que você se dedica agora?
- 15) Como vocês dividem o trabalho na roça?
- 16) E na casa, tem algum espaço que é só seu? Se sim, explique o que é produzido nesse espaço.
- 17) É para consumo ou para venda?
- 18) Como é a sua rotina?
- 19) Como é a divisão de tarefas na família?
- 20) Você pode fazer uma comparação do quanto vocês destinam para o autoconsumo e para a venda dos produtos?
- 21) Quem é responsável pelas anotações sobre o controle da produção e comercialização dos produtos?
- 22) Como se sente em relação ao trabalho que você faz agora, comparado ao que fazia antes, te deixa mais satisfeita, mais cansada, com mais ou menos tempo livre?

- 23) E no teu espaço, você desenvolve algum tipo de experiência, por exemplo, para ver qual planta se adapta melhor ou qual o repelente a pragas é mais eficiente?
- 24) Como vê o presente do assentamento?
- 25) Sabe o que é a Titulação? Se sim, qual a sua opinião sobre?
- 26) Participação em entidades associativas?
() Cooperativa () Associação () Sindicato () Movimento Social () Outro. Há quanto tempo? _____
- 27) Tem alguma política que você mulher participa ou gostaria de participar?
- 28) Tem conhecimento sobre as políticas específicas para mulheres?
- 29) Você tem renda própria? Se não tiver, como você tem acesso ao dinheiro quando precisa? O que você costuma fazer com ele ou o que você faria?
- 30) Você pode definir o que é ser mulher agricultora para você agora, nesse ambiente de transição para a agroecologia? E o que significava antes?